

DEUS

CASTIGA?

**Cairbar
Schutel**
responde

Psicografia de
Helena Cravelro

petit

Deus Castiga?

(Cairbar Schutel responde) "

INDICE

Falemos de Cairbar.....	7
Dor e castigo.....	11
Preparo à prece.....	19
Interferência de obsessores.....	29
O valor da orientação.....	37
Tarefas definidas.....	44
Defesa por meio do Evangelho.....	53
Dificuldades do iniciante da caridade.....	70
Insegurança atual.....	81
Aprendizado celeste.....	94
Espirita: mediador da paz	107

Falemos de Cairbar

Houve um momento (feliz!) do encontro de Cairbar Schutel com a Doutrina Espírita. Não é verdade que a Espiritualidade Maior se incumba de todos esses pormenores?

Manuel Calixto, médium de recursos incomuns, criatura boa, despertou no amigo a curiosidade intelectual — que era o seu desejo irresistível.

Repetiam, aqui no Brasil, fatos idênticos àqueles relatados em publicações de caráter sensacionalista, vindos da França.

A mensagem recebida pelo companheiro, naquela primeira pesquisa do Além, trouxe-lhe, indiretamente, o convite inadiável para que dedicasse toda a sua existência à Doutrina da esperança e da consolação.

Desse evento resultou a avalanche de sucessos, pois a vida de Cairbar Schutel é uma construção ininterrupta, uma doação perpétua à causa do próximo e dos postulados kardecistas.

Com 36 anos, já era ele grande defensor da Doutrina, havendo fundado, em 1904, o primeiro Centro Espírita de Matão, que recebeu o nome de Centro Espírita Amantes da Pobreza. Um ano depois, surgiu o jornal O Clarim, que circula até hoje, trazendo em suas páginas, como uma vibração indefinível, a coragem e o incentivo de seu fundador.

Bravura e perseverança foram constantes em sua existência. Durante a luta pela implantação doutrinária, inúmeros foram os exemplos que reforçam esta afirmação.

Uma amiga, um dia desses, contou-me:

- Cairbar era de minha terra. Matão.

- Sim?

Eu me lembro bem. Minhas irmãs e eu não passávamos nem na mesma calçada que ele. A gente desviava e, em vez de passar na frente de sua casa, dava a volta pelo outro quarteirão.

- Por quê?
- O padre proibia...
- Ah, então você se recorda disso?...

Cairbar- como sempre acontece quando alguém quer produzir algo de caráter redentorial e superior- também sofreu perseguições violentas da parte de um vigário que, a todo custo, queria ver fechado o Centro Espírita, recém-fundado. Não satisfeito em combater o apóstolo, esforçava-se também por derrubar o profissional, proibindo os fieis de sua paróquia de frequentarem a farmácia, onde mais fazia caridade do que propriamente comércio.

Muita coisa sucedeu ensejada pela intolerância desse pobre irmão religioso, fazendo de Deus uma imagem pequenina como a de si próprio. Como se Ele não pudesse dar-se a todos!...

Passeatas foram organizadas, campanhas difamatórias, ataques dissimulados e outros diretos. A tudo reagiu serena e inteligentemente a figura nobre e agigantada de Cairbar. Jamais sua pena brilhante interrompeu o fluxo de ensinamentos evangélico-kardecistas, e houve sempre um pronunciamento veemente, na hora adequada. Para tanto, fundou, a 2 de fevereiro de 1925, a Revista Internacional de Espiritismo, que abordava assuntos relacionados com a metapsíquica e com o ângulo científico da Doutrina dos Espíritos.

Dessa fonte ininterrupta de divulgação, legou-nos um acervo de valor em suas obras publicadas valentemente em oficinas suas - a Casa Editora O Clarim, comandada pelo próprio mestre Schutel, outra de suas incontáveis vitórias.

Nessa empresa foram publicadas, ao longo dos anos de labor fecundo, inúmeras obras que persistem sendo reeditadas, graças à lógica e atualidade de seus temas. São elas: Espiritismo e Protestantismo; História e Fenômenos psíquicos; O Diabo e a Igreja; Médiunidade e Mediunidade; Gênese da alma; Materialismo e Espiritismo; Fatos Espíritos e as forças X; Parábolas e ensaios de Jesus; O Espírito do Cristianismo; A vida no outro mundo; Vida e atos dos apóstolos; Conferências radiofônicas; Cartas a esmo; Interpretação sintética do Apocalipse.

Além dos escritos, a divulgação pela Rádio de Araraquara (PRD-4 j, no ano de 1936, de suas famosas conferências radiofônicas, que hoje se encontram reunidas num volume especial

Jornalista correspondente dos jornais Correio Paulistano e A Plateia, órgãos de destaque à época, na capital do Estado, houve outro ângulo em que brilhou sua nobre alma.

De fato. Uma obra existencial, na sua totalidade, só encontra culminância, realmente, se enfeixa em seu ápice exemplos de fraternidade e dedicação ao próximo. É o amor, que sempre fala mais alto que todas as outras coisas.

A vida de Cairbar foi um desfilar constante desses atos. Embora sem formação acadêmica, possuía um domínio muito grande dos conhecimentos farmacêuticos que, a

serviço de uma intuição quase perfeita, qfereciam-lhe condições de se constituir em socorrista dos pobrezinhos da região toda. Recebia os doentes em sua casa, auxiliado pela esposa dedicada, dona Mariquinhas, dando-lhes assistência e remédios. Depois, como o número de infelizes crescesse a cada novo dia, alugou uma casa mais ampla, com o objetivo expresso de melhor servir, gratuitamente, aos irmãos doentes e sem recursos.

Foi essa faceta brilhante de servidor humilde que acabou por transformar em amigos mesmo aqueles que mais o combateram. Conta-se que, ao ser enviado para uma outra paróquia, o padre que tanto o perseguira apresentou-se ao ex-desafeto para o abraço de despedida. E, no encontro dos corações, tudo foi esquecido em nome do único sentimento que deve, de fato, ser levado em conta em nossas existências.

Nesta obra, os leitores poderão constatar que o mestre Cairbar Schutel continua o mesmo devotado servidor da boa causa doutrinária.

Helena Maurício Craveiro Carvalho

Capítulo 1 DOR E CASTIGO

"Mas o que semeia para o espírito, do Espírito colherá vida eterna." Paulo (Gálatas, 6:8)

- Há pouco, Samuel, você dizia que Deus não castiga, e que isso de dizer castigo de Deus é blasfêmia.
- Acima de tudo, Marcos, é desconhecimento do assunto.
- Mas...
- Sim, entendo sua dúvida. Há momentos, de fato, em que uma análise superficial nos leva a esta dedução.
- E então?
- Eu disse: análise superficial.
- Como?
- Se atentarmos para o fato de que Deus é Força Criadora, Fonte Inesgotável de amor, como imaginá-Lo, momentaneamente, transformado numa figura humana grave e austera, franzindo o sobrecenho e arregaçando as mangas para dar-nos boas palmadas?
- Tem razão. Mas de que maneira explicaria, então, essas desgraças que se abatem frequentemente sobre o ser humano, senão como um castigo bem aplicado?
- Espere. Chegaremos a esse ponto, Marcos. Como dizia, é absurdo deduzir que os males que tombam sobre as criaturas são enviados diretamente pelo Pai, que nos deseja castigar a todo custo. Então, você imagina que Deus poderia deixar de ser o pensamento puro que é, para vingar-se de ateus, castigar os maus, transformar-se em instrumento mediador daqueles que, ignorantes e infelizes, profetizam: "Deixa estar. A Justiça Divina tarda mas não falha", diante de procedimentos alheios incorretos?
- E... realmente. Mas e as desgraças de que lhe falei? Como ficamos, caro

Samuel?

- Imagino que podemos encarar os males que atingem os seres humanos sob três aspectos. O primeiro deles corresponde aos produzidos por acidentes, frutos de um despreparo vibratório.

- Não entendi.

: - E fácil. Você nota como, dia a dia, amplia-se o quociente dos desastres, dos suicídios, das agressões, dos crimes?

- Poderíamos qualificar os crimes e os suicídios como "acidentes",
Samuel?

- Sim, podemos. Porque, a rigor, ninguém traz como programa a agressão a quem quer que seja, tampouco a autodestruição. Isso pode ocorrer se a pessoa se degrada, momentaneamente, em termos vibratórios.

- Qual é a causa dessa degeneração?

- Existe verdadeira nuvem negra a envolver a face da Terra. Poucos são aqueles que conseguem passar incólumes, debaixo desse perigo constante. Todo ser humano tem a seu dispor, como ameaça e como reforço (segundo as intenções de cada um), uma legião de espíritos inferiores, autênticos desatinados, prontos para atacá-lo sob qualquer aspecto e a qualquer momento.

- E não nos podemos livrar?

- Claro que sim. "Orai e vigiai", disse-nos o Mestre.

- Todavia, caro Samuel, basta um descuido e... pronto! Lá se está rolando por uma escada ou caindo debaixo de um carro.

- Você diz bem. Basta um descuido. Porém, os espíritos já conhecem o processo exato de manutenção do equilíbrio.

- Como é?

- Orando e estabelecendo ligação constante com as altas esferas.

- De que maneira se faz isso?

- Depois, amigo. Deixe-me continuar para não perdermos o fio...

- Ah... sim! A questão do castigo, Samuel.

- Exato.

- Você falou sobre o primeiro aspecto...

- ...dos males que nos rondam.

- E o segundo?

- Trata-se do mal necessário, do mau despertar.

- Que história é essa?

-E simples, Marcos. O homem acomoda-se com grande facilidade. Quando tudo vai bem...

- Ele só pensa em gozar a vida...

- E o resto não interessa. Você bem o sabe. Contudo, todos nós temos compromissos de ordem moral e espiritual assumidos "do lado de lá", quando ainda no preparo da atual encarnação.

permanecer.

- Estamos desviando do assunto, amigo.
- Tem razão. Voltemos ao problema da dor. Este é o aspecto mais importante e que poderá (se eu conseguir me expressar com a necessária clareza de raciocínio)...

- Claro que sim!

- Obrigado. Poderá - dizia eu - levar-nos a compreender a isenção do Poder Criador no processo de pequenas questões vivenciais em que insensatamente nos envolvemos.

- Vamos lá, Samuel.

- Temos de partir da noção fundamental de que, se Deus é Criador, é também Legislador.

- Porque através das leis...

- ...dá-se o bom andamento de tudo. Estas leis, pois, regulamentam as forças em jogo no processo vital. Uma das mais importantes está fundamentada no princípio de causa e efeito.

- Já sei: "O que semeardes, colhereis".

- Perfeito, Marcos. Assim, as doenças, os defeitos físicos ou mentais que trazemos ao nascer, constituem a colheita do mal plantado por nós em encarnações anteriores.

- Que maravilha! E lembrar que os materialistas costumam se servir desses mesmos exemplos para tentar provar a inexistência de Deus, pelo menos como força criadora onipotente e perfeita, apontando Sua falibilidade no que tange à justiça.

- Justifica-se que assim o deduzam, Marcos, uma vez que não aceitam a teoria reencarnacionista.

- Sabe... muitas vezes, também eu... via criancinhas deformadas, débeis, com moléstias terríveis, e me revoltava.

- Pois é, amigo. Agora, já sabe que o espírito é velhíssimo.

- E, frequentemente, também velhaco!

- É mestre nos trocadilhos, heim?

- Desculpe-me. É brincadeira, não resisto.

- Faz bem. O "sense of humor" ou o "esprit", como queira chamá-lo, deve estar presente em toda conversação. Cada vez mais, porém, a anedota vai substituindo esse campeão jocoso da intelectualidade e, portanto...

- Mediocrizando o padrão do diálogo.

- Certo, amigo.

- Mas... com referência à causa e efeito?

I - O terceiro aspecto da dor, pois, envolve esse problema da volta do mal lançado no mundo pelos maus semeadores, que fatalmente irão recolhê-lo.

- Explique-se melhor.

- Pois não. Conhece ou já ouviu falar daquela arma usada pelos australianos?
 - O bumerangue? Sim. Quando lançado, descreve uma curva e volta ao ponto de partida.
 - Pois o homem, à semelhança do atirador de bumerangue, após lançar o mal ao seu redor, também o receberá de retorno.
 - Com ou sem demora?
 - Sim, Marcos, nesta ou em outra encarnação.
 - O mal liberado no mundo concorre para o seu desequilíbrio. O homem, responsável por esse desencadeamento progressivo de negativismo, terá de reabsorve-lo, a fim de reequilibrá-lo.
 - Você disse desencadeamento?
 - Sim. Basta que uma peça seja desviada de seu encaixe para que outras também se desarticulem. E a esse fenômeno desagregador que me refiro.
 - Espere, espere. Devagar, Samuel. Estou encantado. Como é mesmo?
 - Com efeito, estamos tratando de um assunto maravilhoso, de fato.
 - Explique-me novamente: o mal provoca desequilíbrio?
 - Sim, porque a ordem é o amor.
 - Exato, o amor que constrói, enquanto...
 - ...o ódio destrói, meu amigo. Como vê, so poderá existir o bem onde existir o amor. Todos temos o dever de trabalhar para nosso progresso espiritual, auxiliando-nos mutuamente.
 - E essa ajuda recíproca é fruto do amor?
 - Certamente. E mantém o equilíbrio, a ordem, a paz. Quando alguém transgredir essas normas, provoca uma revolução.
 - Não poderíamos dizer uma convulsão?
 - Também. Uma convulsão verdadeira entre as forças que regem a vida no planeta e que tendem a repelir esse elemento estranho.
 - No caso, o mal.
 - Sim. Tendem a repelir essa força estranha e desagregadora, mandando-a de volta à origem: eis de onde vêm nossas dores cármicas, nossos reveses, nossas frustrações, nossas fixações conscienciais.
 - De nós mesmos, então!
 - Nota dez, meu caro. Como se percebe, somos nossos próprios algozes. Por qual motivo, então, atirar sobre Deus a pecha de castigador?
 - O Autor das leis...
 - Sim, o Legislador.
 - E não há um modo de nos livrarmos da "devolução"?
 - Há sim, mas exige um esforço, primeiro individual, depois coletivo.
- "O comum é que o praticante do mal encontre também alguém que lhe prepare ciladas, mais tarde, parecidas com aquelas que ele próprio já tramou a outro desafeto qualquer."

- Não está certo, Samuel. Isso foge à lógica e à justiça. Então, este segundo personagem, que age praticamente como "vingador", tem necessidade de "pecar"?
- Absolutamente, Marcos. Ninguém traz - e já o dissemos - missão negativa. Porém, como o mal não cessa de ser praticado, é óbvio que, de acordo com essa lei específica, quem vai receber o desequilíbrio recentemente desencadeado pelo novo "pecador" será aquele que um dia o provocou, nesta ou noutra existência.
- Deduzo que a coisa fica num círculo vicioso, então.
- Por enquanto, meu caro, poderá parecer realmente um processo sem solução, em que cada "volta" já significa em si um novo começo. Todavia, os esforços dos homens de bem, devidamente assessorados pelo Plano Espiritual Superior, endereçam-se no sentido de que o amor fraterno seja, daqui para a frente, a mola propulsora de influxos positivos que, conforme avançam em volume e em quantidade de emissores, irão anulando a virulência de retorno do mal.
- Então foi isso que quis afirmar quando lhe perguntei se não haveria algum modo de o ser humano evitar essa "volta".
- Você conhece o Evangelho, não?
- Esforço-me para tal. Melhor dizendo, leio constantemente *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
- E lá encontra uma passagem na qual Pedro assevera que apenas a caridade, expressão máxima do amor, tem o poder de anular a multidão de nossos pecados.
- Realmente.
- Isso confirma, em grau bem mais incisivo, o que lhe acabo de explicar.

Capítulo 2 PREPARO À PRECE

"Diariamente, semeamos e colhemos. A vida é também um solo que recebe e produz eternamente."
André Luiz

- Enquanto esperamos nosso chá, Samuel, voltemos à questão do outro dia, quando me falava sobre a necessidade de nos mantermos em ligação constante com o Plano Superior.
- i- Ah, sim. Trata-se de algo importantíssimo, sabe? Todo ser humano necessitaria conhecer esses processos- como poderia dizer?
- De defesa?
- Exatamente, defesa. Em última análise, é isso mesmo. Principalmente nos tempos atuais. Você percebe o grau de perturbação em que está mergulhado o planeta?
- E cada vez maior. Não damos dois passos sem nos deparar com alguém arrebatado ou morto, sofrendo ou cometendo algum ato de selvageria.
- E a agressividade, Marcos. Já reparou como as pessoas nos olham com ódio,

como se nós, a quem jamais viram, fôssemos os responsáveis diretos pela angústia e desespero que as vitimam?

- Claro que reparo, sempre. E sabe que esse fato me irrita? Não me conformo. Afinal, tenho me esforçado por me fazer fraterno. Procuro sorrir às criaturas, dar-lhes passagem, prestar-lhes algum serviço. E o que acontece?

- O mesmo que para mim. Você vê os cidadãos entreolharem-se assustados, perguntando-se mudamente se somos conhecidos de algum deles...

- E não o sendo...

- Julgam-nos loucos.

- Não sei se me irrita ou se dou risada.

- E, caro Marcos. A coisa assumiria aspecto verdadeiramente cômico, não fosse o estado calamitoso em que se coloca a humanidade sofredora, atualmente, o que nos obriga a arregaçar as mangas, tentando algum meio para minorar seu sofrimento.

- Pois é justamente sobre esse ponto que desejo ouvir sua opinião. Como é que nós poderíamos nos precaver contra acidentes e esses perigos todos? Você me disse que os espíritos conhecem os meios para se manter sob resguardo.

- De fato. Nós conhecemos o mecanismo para obtenção de uma boa "cobertura". No entanto, poucos são os que, efetivamente, conseguem-no. E sabe o motivo?

- Não.

- Porque, além da técnica correta, para alcançar a ligação necessária e constante do Plano Superior, faz-se necessário também um esforço muito grande no sentido de melhoria interna. Aliás, esse esforço é condição indispensável para o bom êxito dessa técnica. E uso este termo apenas por uma questão (como direi?) de didática.

- Magistral!

- Perdoe-me, Marcos, não quero parecer pretensioso.

- Ora, que ideia. Continue!

- A reforma interior é imprescindível, como vê muito bem. Não se pode pretender um acompanhamento espiritual benévolo e protetor, se não se tem moral elevada. Pelo menos é necessário existir um esforço sério no sentido de adquiri-la.

- Seriam esses os chamados homens de boa vontade, Samuel?

- Claro, uma vez que a natureza humana é muito imperfeita e exige, para corrigir-se, uma enorme luta, sempre louvável e conquistadora de méritos, no plano da espiritualidade. Como dizia, não se pode pretender um acompanhamento digno se não se tem, por exemplo, muita calma.

- Ah! E calma, nesse trânsito...

- Você é, de fato, uma criatura de excelente estado de espírito. Quem está ao seu lado está constantemente melhorando o humor.

- Graças a Deus. Isso nos ajuda a manter a calma?
- E evidente, Marcos. O bom humor é uma conquista preciosa. Com isso, lembrei-me agora de um de nossos expositores - por sinal, um inspiradíssimo orador! Constantemente, ele nos lembra da necessidade de cultivarmos a alegria, de sorrirmos com frequência, afastarmo-nos das tristezas, limpando nossos corações de mágoas e ressentimentos, para pretendermos gozar da companhia de espíritos elevados. "Já imaginaram um de nós tentando aproximar-se das altas esferas assim carrancudos, sobrececho carregado? Já pensaram no absurdo?" - perguntava ele.

- Parece-me realmente ridículo.

- Então, como percebe, é necessário mantermo-nos rigorosamente isentos, apesar das convulsões que nos rodeiam. Reparou nos últimos exemplos de catástrofes, de desastres coletivos, em que poucos conseguem salvar-se, e justamente estes são sempre os que se conservam tranquilos, apesar do pânico geral?

- Creio que sim.

- E necessário atentar para este detalhe importantíssimo, Marcos: não é que os Espíritos Superiores não se esforcem por auxiliar a todos.

- Bem, então por quê?

- Os nossos amigos espirituais, conquanto o desejem profundamente, ficam impossibilitados de se aproximarem de nós, conforme a vibração que nos circunda, por nossa própria responsabilidade como emissores.

- Explique melhor, pois acho um tanto complicado.

- Não. Não é. Verá de que se trata. Conhece já a natureza da matéria extremamente sutil de que é composto nosso corpo perispiritual, não?

- Sim, e esse corpo...*fiz*

- ...é tão rarefeito e leve quanto maior elevação tiver o espírito. Agora (utilizando-me de um exemplo grosseiro), imagine-se precisando, você próprio, descer a um fosso profundo, onde há gases letais, para salvar alguém que lhe pede socorro.

- Morro. Mas se quer se referir aos espíritos, eles já não podem morrer.

- Olha aí o brincalhão de sempre!

- Desculpe-me, amigo, não resisto.

- Também não consigo explicar melhor. Deixe ver... ah, sim! Suponhamos que você esteja doente, necessitado de medicamentos urgentes. Vai à farmácia e pede ao farmacêutico para aplicar-lhe uma injeção. O profissional prepara a seringa, mas, ao procurar o músculo adequado, vê-se impossibilitado de fazê-lo, porque em lugar de um terno, facilmente removível, você veste uma armadura de cavaleiro, como as usadas na época medieval.

- Que bela figura você me arranjou!

- Não arrumei outra. Mas preste atenção, meu querido: percebe, nesse

exemplo, a presença de todos os elementos que existem também no fato que desejamos analisar? Há alguém que precisa de socorro, há outro que pretende assisti-lo, preparando-se para fazê-lo. Por fim, há também a ação de assistência impedida, por impossibilidade de aproximação do elemento socorrista.

- Excelente, Samuel, você é notável!

- Não brinque, malandrinho!

- Então...?

- Os espíritos evoluídos, embora se esforcem por chegar até nós em horas de necessidade, como para evitar acidentes graves, discussões, ataques de terceiros e tantos outros perigos a que estamos expostos diariamente, não o poderão fazer, a menos que nós lhes facultemos a ação pondo-nos também no mesmo campo vibratório deles, isto é, "abrindo caminho". Se assim não se proceder, será como pretender que uma leve e tenra pena de pássaro consiga penetrar numa caixa de aço hermeticamente fechada. Nossa vibração animalizada e grosseira nos fecha em "caixas vibratórias" inatingíveis pelos espíritos bons. E, depois, "abrimos a boca no mundo", lamentando-nos de que "Deus nos esqueceu"!

- No fim, Samuel, a base do bem viver é mesmo o conhecimento.

- Complete, Marcos... o conhecimento como um meio para atingirmos os estágios superiores, dentro dos quais iremos nos tornar criaturas felizes.

- Muito bem. Compreendi o fenômeno em si, mas você não me ensinou a livrar-me da "caixa".

- Esqueça essa história de caixa. Foi apenas um exemplo, muito mal posto aliás, de que me vali para tentar a elucidação de um fato frequentíssimo - e poderia dizer, mesmo -, de ocorrência permanente dentro dessa atmosfera terrível em que vivemos mergulhados.

- Pode-se agora deduzir que o caminho apontado para se conseguir uma constante ligação com o Plano Superior seja a prece, não?

- Ah, sim. Entretanto, veja bem: a prece como ação inicial de um processo complexo de desvinculação, desse apego excessivo do ser humano às contingências materiais.

- Mas...

- Sim, eu sei o que você haverá de objetar: e o trabalho, a luta econômica, o investimento?

- Exatamente.

— Aí é que reside a necessidade do equilíbrio, meu caro. O homem, de fato, necessita dedicar-se ao trabalho rendoso, visando ao progresso material, cuidando das reservas econômicas para a família, enfim, cumprindo seu dever como cidadão operante e como provedor dos seus dependentes. Todavia, são necessárias as pausas diárias para descarregamento da tensão que o trabalho material estafante costuma gerar.

— E se não dermos importância a isso?

— O excesso de pressão nos levará ao desequilíbrio, em geral, com funestas consequências.

— E a prece?

— Será o primeiro passo, como disse, dessa operação purificadora que libertará o cidadão de uma subordinação excessiva para com a vida material, que se não for suficientemente dosada...

— A subordinação?

— Sim. E preciso limitá-la às nossas necessidades. Como dizia, se a luta pelos bens materiais não for encarada apenas como um meio, mas, ao contrário, transformada num fim em si mesma, liquidará rapidamente aquele que se faz quase suicida.

— Ah! E isso representa praticamente a totalidade, Samuel. A maioria das pessoas faz da corrida em busca do dinheiro o objetivo único e primordial da vida.

— Sim, contudo, é preciso lembrarmo-nos de que, se qualquer um faz isso sem grandes responsabilidades, o mesmo não se pode dizer do espírita. Este já sabe que não pode exagerar essa conduta, pois tem obrigação de dar uma boa parte de seu tempo aos trabalhos de cunho espiritual, trabalhando no terreno verdadeiramente prolífero da Seara do Senhor.

— E que fazer se passar dificuldades?

— Não passará, pois o plano espiritual estará sempre atento às suas necessidades. Desde que haja equilíbrio por parte do interessado, no sentido de dividir suas horas de maneira equitativa, reservando um razoável tempo para suas tarefas espirituais, enquanto se dedica, nas restantes, ao trabalho material para obtenção de proventos justos, ele estará mais do que habilitado a levar vida bastante tranquila. E ninguém se assuste se esses mesmos, que procuram tal equilíbrio, aparecerem com dádivas até aparentemente excessivas, advindas por acréscimo da incomensurável Misericórdia Divina.

- Você falava da prece. Como deve ser feita?

- Exige um certo preparo, como voce ja sabe.

- Não... também acho difícil. Explique-me.

- O desconhecimento desses cuidados leva, frequentemente, às queixas inúmeros irmãos nossos. Supõem que basta a repetição maquinal dos estereótipos tradicionais e está feito o "exorcismo".

- Imaginam que, a partir daí, haverá uma dúzia de anjos guardando-lhes as costas.

- Não é mesmo? Essa dedução ingênua é muito perigosa, Marcos.

- Por quê?

- Com essa visão falsa das coisas, o cidadão se toma ainda mais descuidado. E a sua displicência poderá custar-lhe muito caro.

- Voltando ao assunto...

- Tem razão. Estou desviando a todo instante. Pois bem. Recomenda-se, de preferência, a oração em hora certa.

- Para quê?

- Para contarmos com a assistência constante de nossos mentores. De qualquer forma, meu amigo, antes de iniciarmos a prece propriamente dita, com ou sem hora marcada, faz-se necessária uma prévia ligação com as altas esferas.

- De que maneira?

- Não será muito difícil se possuímos algum treino anterior. Em caso contrário, demandará certo esforço. Sabe como é difícil dirigir a atenção para um determinado alvo, principalmente se esse alvo estiver dentro de nós mesmos, isto é, depender de nosso pensamento.

- Não seria melhor dizer imaginação criadora?

- Ótimo. Como dizia, é imprescindível "subir".

- E como se consegue? Explique-me tudo detalhadamente.

- A primeira orientação que recebi nesse sentido, anos atrás, foi da parte de uma senhora atendente do plantão de entrevistas de uma boa Casa Espírita de São Paulo. Também me sentia como que perdido, no início. Nada conhecia sobre esse terreno prático, e minha perplexidade era total.

"A plantonista iniciou-me nesse particular, contando, simplesmente, como realizava, ela própria, seu preparo. Ao reunir-se semanalmente com os filhos para o Evangelho no lar, ia gradativamente forjando um cenário mental com a participação dos presentes. Principiava concitando todos a se imaginarem num campo muito verde, sob a sombra de uma árvore frondosa, sentindo correr sob seus pés um regato de água cristalina. Depois, experimentando o inebriamento daquele cenário, onde não faltava sequer a brisa acariciadora... "

- Oh, temos poesia!...

- ...todos observavam Jesus, triunfalmente envolto num grande foco prateado, surgir no horizonte e aproximar-se, gradativamente, imantando todos com Sua radiação luminosa.

- Lindo!

- Pois bem. Essa visualização de nosso perispírito banhado de luz é que nos certifica de estarmos realmente ligados ao "alto".

- Excelente.

- Como pode perceber, em se tratando de pessoas de menor preparo doutrinário, ou mesmo de crianças, é mister dirigir em voz alta essa moldagem do pensamento coletivo.

- Acredito.

- No entanto, os adultos...

- Espere, Samuel. Também os adultos devem beneficiar-se com uma orientação desse tipo, porque (e imagino, baseando-me na própria experiência) poucos serão capazes de realizar essa magnetização do espírito sem um

auxiliozinho como esse que aquela senhora lhe explicou.

- Tem razão. Porém os mais habituados terão sua própria maneira de providenciar o preparo necessário.

- E você, como faz?

- Já deve ter deduzido que nosso pensamento poderá levar-nos para onde desejarmos. As vezes, projeto uma escada imensa, luminosa, que me transporta até Jesus. Outras, dessa escada passo a um jardim suntuoso, de cuja amurada enxergo nosso globo terrestre.

- Que maravilha!

- De fato, é realmente encantador, porque me sinto também imantado sob energias poderosas e em condições de enviar ao mundo minhas vibrações amorosas.

- Continue, continue...

- Noutras ocasiões, basta plasmar um grande coração luminoso, aureolado de flores. Dessa resplandecência, faço descer sobre mim e meus companheiros uma chuva de pétalas. Sinto-me totalmente envolvido em fluidos superiores. Ah, ia me esquecendo de dizer-lhe: para que se estabeleça essa ligação, há necessidade de enchermos nosso coração de alegria, afastando todo e qualquer pensamento menos otimista.

- E quando há outras pessoas orando conosco?

- Será interessante que se transmita verbalmente essa criação mental a fim de que os participantes dirijam suas energias para a mesma ideia, o que reforçará os laços pretendidos.

- Como no exemplo dado pela senhora atendente?

- Exato.

- E sempre se consegue estabelecer contato com os planos elevados?

- Como tive oportunidade de explicar-lhe, isso depende muito de nossa experiência. Haverá ocasiões em que a operação demandará um grande esforço.

- Sim?

- Quando, por exemplo, houver caído o padrão vibratório do ambiente em que nos encontramos.

- Ou o nosso, também. Não pode baixar?

- Claro, pode sim. Como somos muito imperfeitos, a todo instante estamos cometendo pequeninos erros, principalmente envolvendo terceiros, o que nos coloca a consciência em polvorosa.

- Ah, é mesmo. Tenho muito disso...

- Também eu, Marcos. Embora nos esforcemos pela santificação, a coisa caminha devagar, mesmo.

- É, as asas costumam a empenar, Samuel, ainda que...

- ...as aguemos diariamente.

- Então?

- Como pode perceber, é necessário preparo para que a prece surta efeito.
- Vou procurar seguir esse processo.
- Atualmente, basta tranquilizar-me durante alguns segundos para enxergar o Mestre totalmente envolto em luz, transparente até, como espírito puro. A partir dessa mentalização, é fácil trazer sobre minha figura e a de todos que espiritualmente coloco a meu lado a corrente luminosa das radiações superiores.

Capítulo 3 INTERFERÊNCIA DE OBSESSORES

"Mas o justo viverá pela fé." Paulo (Romanos, 1:17)

- Samuel, outro dia você me falava sobre a oração, de como estabelecer contato com o "alto".

- Sim.

- Pois lhe digo que encontrei muita dificuldade. Meu pensamento flutuava, não conseguia concentrar-me. Ontem e hoje, porém, parece-me que houve um razoável progresso.

- Quanto mais se esforçar, melhor. Isso também depende de treino, Marcos. Lembro-me de que, quando jovem, costumava ter meus surtos de misticismo. Atirava-me às práticas religiosas como um naufrago que se agarra a uma tabua salvadora. Contudo, não conseguia mentalizar Jesus, embora me fixasse num ou noutro santo, ao tentar meus contatos.

- Engraçado. Tenho uma amiga que dizia ser assediada por figuras obscenas envolvendo a entidade a quem dirigia sua devoção, logo após o início de suas novenas. Resultado: envergonhada com aquilo que ela considerava fruto do seu "eu" em desvarios, abandonava logo a prática piedosa.

- Isso é bastante comum, Marcos.

- Deveras?

- É o momento oportuno para o ataque dos obsessores. Assim procedendo, pretendem fazer sua vítima abandonar a prece, a fim de que não receba auxílio, isto é, reforços, do lado espiritual.

- É a pessoa, julgando-se autora dos descabros (principalmente se houver lido Freud)..

- A pessoa sente-se profundamente culpada, uma espécie de agressora herética, agindo contra a figura de seu santo. Este caso, agora, faz-me recordar uma cena cômica de Eça de Queiroz.

- Ah, já sei: *O crime do Padre Amaro* }

- Isso mesmo. Você também o leu? Nesse romance - lembra-se? - uma das beatas é levada ao confessionário, sob desesperado drama de consciência, por

enxergar despido e em atitude indecorosa o nobre taumaturgo a quem suplicava...

- Espere, Samuel. Não terá sido em *A relíquia*, não? Você sabe que eu li praticamente tudo que o grande ficcionista português escreveu. Mas, numa ou noutra dessas obras, como dei risada com essa ideia, imaginando-a pura invencionice do notável escritor!

- Pois é. Todavia, Marcos, ainda que sucedam essas intromissões, que são como estáticas nas captações radiofônicas, o praticante não deve, em hipótese alguma, abandonar sua prece. O plano espiritual já conhece tais fenômenos e sabe desculpá-los. Com perseverança, a criatura acabará vencendo e isolando esses perturbadores nas horas necessárias, conseguindo depois, com facilidade, suas comunicações com a Espiritualidade Maior.

- Vou esclarecer a essa minha amiga e incentivá-la novamente.

- E, assim, ela passará a usufruir dos bens inestimáveis produzidos pela oração, independentemente do credo que abraçar.

- E como vêm essas benesses?

- Em forma de estímulo, de energia, de revigoramento moral e físico.

- Há quem se queixe de não receber auxílio algum.

- Isso se dá justamente com aqueles que não fazem o preparo adequado, conforme lhe foi explicado.

- Certo. Escute: encontrei, dias atrás, um amigo que não via há algum tempo. Confessou-me estar atravessando uma fase difícil, pois carrega um problema de ordem afetiva. Devido a isso, lembrou-se da prece.

- E a hora em que todos se voltam para o Pai. Hora do sofrimento.

- Bendito seja, então.

- Vê como funciona isso?

- Contudo, Samuel, o coitado mal consegue balbuciar as frases decoradas na infância e já seu pensamento se desarticula e, com ele, a própria linguagem. Como havia escutado suas explicações, tentei transmiti-las, esmerando-me em detalhes, a fim de auxiliá-lo. Hoje, tomei a encontrá-lo, totalmente desolado, porém. Tentara, com empenho, enxergar-se debaixo de um foco luminoso, mas fora tudo em vão. Não soube mais consolá-lo.

- De fato, Marcos. Quando a perturbação do ser é muito grande, ele se vê totalmente apartado das esferas superiores, constatando-se, em casos frequentes, uma inibição natural que o afasta da meta desejada. Apesar do justo desejo de ascensão, inconscientemente, no entanto, dá-se um bloqueio, uma reação adequada com o "non sum dignus"¹. É preciso, pois, um esforço muito grande não só para vencer as forças obsessoras, que procuram nos afastar dos caminhos redentores, quanto também, e principalmente, para reagir contra a acomodação e o desânimo provocados (sem o percebermos) por um desejo de autopunição, um

¹ * Não sou digno (Nota do editor).

deixar-se sofrer, a fim de apagar as terríveis dores conscienciais que se acotovelam arraigadas ao nosso perispírito, como demônios de nosso inferno particular.

- Essa explicação é boa, Samuel.

- Para seu amigo, recomenda-se um tratamento espiritual específico, que o auxiliará a livrar-se da perturbação. Há casos em que o infeliz nada pode realizar sem o concurso da Caridade Divina. Além do mais, aprenderá a valer-se do Evangelho como fator essencial de obtenção da paz interior.

- Já sei. Eu mesmo o acompanharei ao plantão de atendimento. Ele é muito tímido.

- Faz bem. A maioria dos homens julga que os assuntos religiosos são restritos e adequados às mulheres. Sentem-se quase - como diria? - diminuídos, sendo vistos em ambientes de devoção.

- Não precisamos buscar exemplo muito longe. Eu mesmo - lembra-se Samuel? - só me decidi porque não suportava mais os tormentos, e principalmente...

- Por minha causa, Marcos, eu sei.

- Exato. Porque o vi tão firme, tão convicto.

- Complete... e tão feliz.

- E verdade, meu caro. A felicidade que se evola de você representa um pequeno sol aquecendo a todos. Sua alegria e confiança contagiam-nos de tal forma, a ponto de querermos estar sempre ao seu lado.

- Ora, não exagere, amigo. Deixe-me contar-lhe algo engraçado a respeito desse problema de oração, de que tratávamos há pouco.

"Uma senhora adventista, certo dia, relatou-me que na sua escola dominical, nos tempos de estudante, faziam sorteios para escalação dos encarregados da prece de cada semana. Quando acontecia de serem escolhidos determinados colegas terríveis, indisciplinados, que, no entanto, mostravam-se durante o ato laudatório possuídos de uma unção despropositada, os outros, em zombaria, após a prática religiosa, armados de vassouras, corriam a vasculhar o teto."

- E para quê, ora essa?

- Para desencalhar as orações que, segundo eles, deveriam ter ficado fatalmente presas ao forro.

- Muito boa.

- E, quanto a você, Marcos, encontra dificuldades, ainda, para se concentrar?

- Agora já estou mais animado. Ontem, e principalmente hoje, consegui mentalizar-me na espiral luminosa. Confesso-lhe que, embora a sensação fosse passageira, senti-me renovado.

- Claro. Nesse momento, como por instinto, respiramos profundamente.

- De fato. Pareceu-me haver sido invadido por energias estranhas.

- É que, nesse instante, dá-se a magnetização de nossos perispíritos, que recebem assim, por indução, a carga energética superior com a consequente

renovação das forças vitais. Sabe, amigo, as leis que regem os fenômenos espirituais, muitas delas, já foram descobertas no plano físico, como esta, por exemplo.

- Já sei: um corpo aquecido, aproximando-se de outro, transmite-lhe, por indução, a temperatura de que é portador.

- Muito bem. Também nós, quando nos aproximamos de um corpo com energia vibratória de frequência alta, também vibramos nessa mesma altura. Daí essa maravilhosa sensação de renascimento físico e espiritual que experimentamos no ato da prece.

- Mas... daquela em que se obtém ligação com os planos superiores, não é?

a Sim. A outra, que se resume na repetição maquinal de fórmulas, nada produz senão...

- Sono. Que me diz, heim?

- E evidente. A respeito dessa lei física e espiritual, amigo, resta-me lembrá-lo ainda de que o mais forte é sempre aquele que abre mão de sua potencialidade, cedendo uma parte dela ao mais fraco.

- Como?

- Já não lhe falei sobre o corpo aquecido que, aproximando-se do outro, também o aquece?

- Ah, sim. Nunca se dá o inverso, não é?

- Lógico. É sempre o corpo de temperatura menor que recebe calor do outro e se iguala. Jamais aconteceu do primeiro resfriar-se pela proximidade do segundo. Assim também na espiritualidade. Jamais os planos superiores baixarão o teor de suas energias para igualar-se a nós.

- Nós é que, indo até eles...

- Colocamo-nos em sintonia vibratória com as esferas superiores. Momentaneamente, é verdade, não nos esqueçamos disso. Todavia, é uma experiência que tem o sabor e a validade da plenitude total, pois que representa a transcendentalização do nosso ser. É o instante em que nos integramos na Unidade Criadora, o minuto do encontro na eternidade.

- E se levarmos em consideração que devem ser tão poucos os que conseguem, definitivamente, atingir esses planos de evolução...

- Sim, Marcos. Também essa é uma faceta importantíssima. Embora não possamos dizer que os caminhos que nos conduzem ao Pai estejam cerceados a quem quer que seja - pois que somos todos feitos do mesmo material e com a mesma potencialidade evolutiva -, precisamos convir, entretanto, que se faz necessária a conquista gradativa de determinados padrões morais e espirituais, para ir conseguindo trilhá-los em direção ascensional.

- Não basta a vontade, portanto?

- Não, não basta, conquanto se deva admitir que o homem de boa vontade já possua o princípio. É desse ponto que, por meio da luta acirrada contra suas

próprias imperfeições...

- Ah, entendo. Refere-se ao aprimoramento interior.

- Sim. É por meio dessa luta (da qual faz parte o estudo) que o ser humano passa a constituir-se em candidato cada vez mais credenciado a pertencer a esses estágios de ascensão espiritual. Você e eu, por exemplo, já sabemos quão rápida é nossa permanência nessas regiões - durante a prática da oração -, apesar de nos esforçarmos continuamente por nosso aprimoramento moral.

- Fale apenas por você, meu caro, que é um devoto de coisas da espiritualidade.

- Sim, admito estar há mais tempo mourejando na Doutrina, mas você, mesmo novato, também se esforça, e dia chegará em que haverá de colocar-se na plenitude, cujo sabor já nos tem sido dado provar pela Misericórdia do Pai, por meio dessas rápidas incursões em pensamento e vibração.

- Espere um pouco, Samuel. Explique-me tudo, devagarinho. Permita que seu aluno faça as deduções morosamente, como todo estudante.

- À vontade.

- Em primeiro lugar você disse da necessidade e do valor da prece, porém somente após estabelecer-se a devida ligação com planos elevados, o que não é muito fácil.

- Sim.

- Depois, disse da dificuldade de atingir evolutivamente esses planos...

- Certo.

- ...que, segundo pudemos deduzir, não se situam todos no mesmo nível.

- Isso. Nem poderiam situar-se. Imagine como devem ir se depurando as radiações espirituais, conforme se aproximem do Grande Foco. E não seremos nós, pobres seres mesquinhos - alguns mais, outros menos - os que pretenderão atingir, mesmo por um átimo, essas fontes amorosas mais elevadas.

- A altura dos estágios dos próprios espíritos puros?

- Como Jesus Cristo, meu caro Marcos. E quando nos esforçamos pelo pensamento simbólico por alcançar o Mestre, fazemo-lo na certeza de um alcance virtual, sabendo que, na realidade, nosso ser somente poderá (mesmo que por instantes, não nos esqueçamos), só conseguirá atingir alturas medianas, aonde nos conduzam nossa moral e coração desejosos da perfeição, porém ainda muito elevados da materialidade grosseira que tanto lutamos por superar.

- E, no entanto, esses planos já nos podem proporcionar tanto deleite, ainda que sob as condições que acabou de descrever.

- Pois é, meu amigo. O que deve haver de maravilhas por esse espaço afora!

- Nem diga. Então, Samuel, nossa ascensão não terá limites?

- Realmente, não terá, pois decorre do esforço de renovação moral, atitude característica dos que se projetam na direção do infinito.

Capítulo 4 o VALOR DA ORIENTAÇÃO

"Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração." Jesus (Lucas, 12:34)

- Como é mesmo que você explica, no plano espiritual, aquela lei da qual me falava outro dia?

- Transmissão de energia térmica de um corpo a outro?

- Isso mesmo.

- Pois, na espiritualidade, ela se revela nos inúmeros exemplos de imantação vibratória superior. Quando conseguimos nos ligar com setores espirituais mais elevados, nós, que comparativamente nos colocamos na posição de corpos frios, recebemos uma boa dose dessa energia superior, momentaneamente, o que nos traz uma sensação de felicidade intensa. Lembra-se de que lhe falei ser o doador sempre o mais aquecido, o que possui maior potencial energético, não?

- Sim.

- Pois isso nos traz à baila a questão da caridade. Quando auxiliamos alguém, dando vazão às energias amorosas existentes em nós, estamos exercitando essa lei. Ainda mais: se podemos doar, estamos nas condições superiores do corpo mais aquecido, o que é um privilégio.

- Interessante. Vejo agora que, sem saber, creio que, intuitivamente, dei um conselho deveras construtivo a uma amiga.

- E como foi?

- Queixava-se ela de que há meses tem em sua casa, hospedadas, três sobrinhas do marido, vindas do interior, para arrumarem emprego.

- E queixava-se por quê?

- Devido às despesas. Todavia, não há problema financeiro. Eles estão bem. Eu a fiz ver, então, que, em lugar de se sentir lesada, deveria agradecer a Deus a oportunidade de servir, uma vez que neste mundo há duas classes de pessoas: as que podem e devem dar e as que precisam receber. Se temos que nos encaixar dentro de uma dessas divisões, não seria mil vezes preferível que nos encontrássemos em posição de doadores?

- Bravo, bravíssimo, Marcos. E como reagiu essa sua amiga?

- Refletiu seriamente e reconheceu.

- Você a fez feliz, evidentemente, com essas considerações. Atente, portanto, para a importância da palavra! Quantos de nós agem mal aconselhando erroneamente os amigos que se encontram já desorientados?

- É, às vezes, uma palavra desatenta ou maldosa pode tornar as pessoas muito infelizes.

- E levá-las até mesmo ao desespero, ou...

- Talvez ao crime?
- Ou ao suicídio. Admito que sejamos sinceros, que externemos nossa opinião com franqueza, com lealdade. Mas há maneiras e maneiras de falar!
- Você não acha que aqui podemos encaixar o fator caridade?
- Não só caridade quanto sabedoria, Marcos. Este é um dos ângulos do relacionamento humano em que se exige bastante equilíbrio do indivíduo chamado a opinar. Temos que, frequentemente, usar de ponderação para - não faltando com a verdade - levar ao interessado o conselho correto, sem aborrecê-lo ainda mais.
- No fundo, o infeliz sabe que errou, não sabe?
- Sabe, sim. Já recebeu intuitivamente a sua repreensão.
 - E se nos consulta?...
 - É na esperança de ver sua atitude - que ele já sentiu ser errada - apoiada por um terceiro, para desafogo de sua ebulição consciencial.
 - Ebulição, Samuel?
 - Sim, amigo. Já percebeu de que forma, diante do menor erro, nossa consciência entra em atividade, como se fora um verdadeiro vulcão?
 - É fato! Sofre-se horrivelmente...
 - ...embora busquemos por todos os meios nos justificar, mascarando os fatos. Então, procuramos os amigos, relatamos o ocorrido, perguntando-lhes em seguida se não admitem que fizemos bem em agir ou reagir de tal maneira.
 - É nessa hora que devemos ser sinceros, sem magoá- los, não?
- Claro! É a oportunidade de demonstrarmos nosso equilíbrio.
- Acho muito complicado, Samuel.
- Mas necessário, Marcos. Aliás, nele repousa toda a sabedoria de viver. Vive-se mal, trocam-se as mãos pelos pés, tudo devido à falta de equilíbrio.
- Em meio à virtude...
- Sim. Muitas vezes, desejosos de exercer a fraternidade, pendemos para um só lado, oferecendo em demasia, e portanto...
 - ...faltando com a verdade e até deseducando.
 - Ou então, ciosos de nosso dever como orientadores, somos demasiado drásticos...
 - ...deixando o interessado sob total desolação...
 - ...o que é falta de caridade!
 - Enfim, é difícil, heim?
 - Bastante, Marcos. E por isso que em nossas orações pedimos equilíbrio e sabedoria ao Pai. Quando sinceros, sempre recebemos o auxílio necessário para efetuar na Terra o trabalho educativo de que somos investidos.
 - Todos nós?
 - De modo geral, sim.
 - Explique-me isso, amigo.
 - Pois não. Está claro que todos os seres de boa vontade, desejosos de

espalhar a felicidade ao seu redor, recebem orientação do mundo espiritual, desde que seja estabelecida a ligação necessária.

- Percebo: através da prece, da atitude de mansidão, humildade e amor fraterno, não é?

- Perfeitamente. Isso no que diz respeito ao trato cotidiano, ao processo vital em que estamos mergulhados. A todo instante surgem, pois, à nossa frente, casos de irmãos necessitados de uma orientação, de uma palavra de conforto, de um norteamento específico, que lhes possibilite tomar decisões acertadas. De modo geral, cabe sempre aos mais evoluídos desempenharem tarefas nesse sentido. Contudo, no que tange à nossa vida particular, cada um de nós traz sempre, como missão, o encaminhamento de, no mínimo, um espírito que nos seja inferior.

- Filhos?

- Não somente filhos, como também, às vezes, o próprio marido ou esposa, ou qualquer outra criatura necessitada de orientação.

- Interessante.

- Além do encarnado que nos orienta...

- Pai ou mãe?

- Geralmente, ambos. Como dizia, além dos nossos orientadores encarnados, temos também uma entidade espiritual que nos é superior.

- Nosso anjo da guarda?

- Pode chamá-lo assim, se o desejar.

- E ele nos é superior?

- Sim. Caso contrário, nunca o teríamos como guia.

- É. Tem razão, meu caro. Estamos, então, colocados no meio?

- Todos. Recebemos do nosso doador e passamos nossa contribuição aos que de nós dependem. Retribuímos, assim, ao Pai Criador, o bem com o qual nos brinda.

- E temos que fazê-lo devotadamente, não?

- É lógico. Procurando pagar na mesma moeda, usando para com nosso dependente da mesma dose de amor e paciência com que nossos benfeitores - tanto os do plano encarnado quanto os do espiritual - executam sua carinhosa tarefa para conosco.

- Samuel, você acha que lhes damos muito trabalho?

- E ainda duvida? Numa das páginas memoráveis do livro *Instruções psicofônicas* encontramos uma advertência preciosa.

- Não conheço essa obra.

- Está ali, na biblioteca. Leve-a quando for para casa. Vai gostar muito... Como dizia, numa das comunicações transcritas no livro, o comunicante, recém-liberto da vida física e transformado em orientador dos ex-companheiros do grupo doutrinário, confessava as dificuldades que encontrava, agora, de como auxiliar "do lado de lá", para dirigir os colaboradores remanescentes, em face do exagerado personalismo e das imperfeições incômodas que eles apresentavam, as

quais tornavam o trabalho do obreiro em questão num quase suplício.

- Ah, então é assim?

- Você pode deduzir, por este exemplo, como devemos aborrecê-los com nosso desleixo, nossa preguiça e todos os inúmeros defeitos que nós nem sempre nos esforçamos por combater. Por isso, também, não podemos nos queixar diante das dificuldades encontradas por nós, na tarefa de educação das criaturas a quem nos coube dirigir. Lembremo-nos de que, provavelmente, damos ao nosso protetor tanto trabalho e dores de cabeça quanto os nossos afilhados nos dão.

- Talvez mais, até.

- Pode ser, meu caro.

- Pensando bem, como é importante conhecer esse mecanismo todo, não? Quantas asneiras cometemos por desconhecer essas verdades!

- Tem razão, Marcos! Que de lamúrias, queixas sem fundamento, por alguns trabalhos nesse sentido! Quantos casais se separando, filhos abandonando os pais, tudo sob uma justificativa tola de "incompatibilidade de gênios".

- Ah, lembro-me agora de um caso que vem a propósito. Já havia feito observação mais ou menos afim, embora não conhecesse direito o assunto, como você acaba de revelar.

- Sim?

- Trata-se de uma conhecida, desquitada e casada pela segunda vez com um rapaz que lhe trouxe, por estranha coincidência, os mesmos problemas que o primeiro marido lhe trouxera (com alguns agravantes) e que haviam motivado a primeira separação.

- Interessante.

- E o fato assume, agora, um aspecto terrivelmente significativo, em face da explicação que você me deu.

- Tem razão. Se a moça não suportou a primeira tentativa e renunciou, recebeu do Pai Misericordioso, entretanto, uma segunda oportunidade, e nesta mesma existência, o que é causa de bastante esperança.

- Ela deve se considerar privilegiada, ainda?

- E evidente, pois se precisava exatamente aprender determinado ponto, conquanto o instrumento da aprendizagem tenha sido mudado, a lição continua sendo recebida, ainda que com o auxílio de outro protagonista.

Já sabemos que o mundo é uma escola. A maior vantagem dessa conhecida sua é a de que conseguiu outra chance nesta mesma existência. A maioria, por precipitação, desperdiça a oportunidade encarnatória sem saber quando ou onde poderá ressarcir-se dessa insensatez.

- Que exemplos maravilhosos os que temos aí pela vida afora!

- Se pudéssemos ter olhos para tudo, heim? Se nos fosse dado compreender os fatos e fundamentá-los nas leis...

- ...que nos vão sendo reveladas pouco a pouco, não é?

- Sim. Se conseguíssemos enxergar com a visão dos mestres da espiritualidade, veríamos que poema é a existência! E perceberíamos quanta sabedoria é filtrada dos fatos, quanta beleza reflete nos destinos aparentemente inglórios a profunda Misericórdia do Criador!

Capítulo 5 TAREFAS DEFINIDAS

"Brilhe a vossa luz." Jesus (Mateus, 5:16)

- Bons olhos o vejam, amigo!
- Salve! Que tal darmos uma volta? A noite está linda.
- Ótima ideia. Deixe-me trocar os chinelos pelos sapatos.
- Veja que céu maravilhoso, Samuel.
- Magnífico.
- Basta olhá-lo para sentir-se nele o reflexo do Criador.
- Realmente. E pensar que há pessoas inabilitadas para captar a profundidade sublime de um céu estrelado!
- Incapazes até de olhar fora de si. Não há criaturas assim?
- Claro. O pessimismo e a aversão à sociedade são os primeiros sintomas da moléstia traiçoeira que está minando o ser humano.
- Qual?
- A falta de amor. O homem está totalmente mergulhado no desajuste, por não querer alimentar dentro de si as forças positivas que o impelem fraternalmente ao encontro dos seus irmãos. É esse desequilíbrio que gera as outras doenças.
- Imagino que sim.
- O amor é fonte de paz, de saúde, de alegria. Você já pensou num Plano Espiritual Superior, o que nós costumamos chamar de...
 - ...Céu?
 - Isto. Já imaginou - como bem nos chama a atenção o expositor das sessões de estudo do Evangelho...
 - O expositor? Ah, sim. Falávamos nisso outro dia...
 - Então, já pensou? Um local desses, repleto de criaturas doentes, neurastênicas, carrancudas, de sobrecenho carregado, fugindo do contato de outros companheiros?
 - Tem razão. Um local onde, por exemplo, ninguém sorri?
 - Um lugar desses jamais poderia ser chamado Céu.
 - Concordo. Cabe-lhe melhor o nome de Terra. Quando ensaiamos um sorriso, aqui, quase somos presos.

- Parece mesmo pilhéria, Marcos, mas de tal forma nos encaminhamos para a completa inversão de valores que talvez chegue logo o dia em que, por causa de um sorriso, sejamos até encarcerados.

- Ah, ah, ah. Essa é muito boa, Samuel. Autuados em flagrante. Cadeia aos infratores.

- Não e mesmo? E, no entanto, o sorriso - refiro-me ao produto do otimismo sadio, não ao gracejo atrevido - é fonte de bem-estar, de tranquilidade. Pois somente o otimista e, portanto, o equilibrado pode ser naturalmente alegre.

- Consciência sem problemas, Samuel.

- Perfeitamente. E como são pouquíssimos os que se podem manter em paz nesse sentido. Cada vez mais escasseiam os homens alegres. Por isso Jesus pregava o amor como lei primeira e última.

- Sim?

- O indivíduo que tem, como tônica de seus atos, o amor não se envenena.

- De que modo?

- Não lança negativismos ao seu redor e, portanto, não os tem de recolher. Já não tivemos uma palestra nesse sentido?

- Quando você me explicou sobre a dor.

- Pois bem. Se a mola que impulsiona o ser é o amor, ele evidentemente terá deixado inoperantes todos os aspectos negativos de sua personalidade, se não os houver ehminado, o que se torna, por enquanto, no nosso globo, praticamente impossível.

- Sim. Perfeição é utopia.

- De qualquer forma, ainda que subsistam algumas deficiências, sendo o amor o principal estímulo das ações humanas, ele se encarregará de soar mais alto que os outros aspectos deficitários.

- E então...

- Nas relações interativas, a boa vontade terá voz audível; a compreensão proporcionará a desculpa e o perdão; com a generosidade estimulada, o ser pensará antes em dar do que em receber.

- Pelo menos o fígado deve melhorar bastante.

- Você brinca, mas acerta plenamente. Vê o meu caso, caro amigo. Antes de aderir à Doutrina, eu definhava. Nada mais podia comer, pois tudo me fazia mal. Tinha já comprometida a vesícula e, no estômago, a gastrite ameaçava transformar-se em úlcera.

- E agora está aí, vendendo saúde.

- Graças a Deus, caro amigo. Não quero dizer que o Espiritismo tenha o mérito de curar, por si, somente. Quem se curou...

- ...foi você próprio...

- ...seguindo as normas de vida ditadas pelos preceitos do bem viver, encontradas na Doutrina, e, principalmente, efetuando gradativamente minha

reforma interior, pautando meus pensamentos e ações pelo Evangelho do Cristo.

- Da maneira como você se expressa, deixa bem claro que a felicidade não está restrita ao espírito.

- A felicidade se oferece aos verdadeiros apologistas do amor. O que importa é ter a alma evangelizada, pautar as ações pelas normas cristãs da fraternidade. Não desejamos, todos nós, espíritos convictos, a solução ecumênica? Porque sabemos que, na essencialidade, o que necessitamos é do homem transformado, e não de determinados dogmas ou liturgias.

- A afirmação de que a criatura, havendo aderido a tal ou qual doutrina, já está salva, é tolice?

- Num certo sentido, se essa determinada corrente religiosa lhe oferece meios para reformar-se moralmente e, por meio de seu próprio esforço, alcançar um padrão espiritual superior, pode-se, usando de uma figura de estilo, afirmar essa salvação. Tomando-se a expressão metaforicamente, não ao pé da letra. Porque a simples adesão a esta ou àquela religião não toma ninguém melhor. Ao contrário, muitas vezes, tratando-se de pessoas muito medíocres, falta-lhes um esteio dogmático em que fundamentar-se para dar vazão às suas necessidades inferiores. Então, escudadas, freqüentemente nas próprias escrituras sagradas que lhes passam às mãos com adoção do novo credo, desandam a cometer os maiores desatinos, a perseguir com palavras e atos os seus desafetos, convencidas de estarem "servindo a desígnios superiores".

- Mas isso é intolerância religiosa.

- Entre outras coisas, Marcos. Uma "santa inquisição" doméstica.

- Essa é boa.

- Os conselhos das Esferas Superiores pautam-se sempre pela mesma tônica: é preciso estudar.

.. -'Amor e estudo.

- É. Estudando, haverá maior possibilidade de amor. Quantos de nós, se conhecêssemos certos ângulos do psiquismo humano...

- ...se nos conhecêssemos, então...

- ...não teríamos outra atitude em face de determinadas falhas de nossos companheiros?

- E, tem razão.

v

- As vezes, faltamos com nosso próprio dever, deixando de socorrer alguém a quem, precipitadamente, julgamos culpado. Ao condená-lo, estamos nos arvorando em juizes, sem atentar para uma análise mais objetiva, sem avaliar as razões que o impeliram para tal desatino e que, se agissem - essas mesmas razões - sobre nós próprios, possivelmente nos levariam a uma reação semelhante ou ainda mais grave.

- Não acredita, então, em livre-arbítrio?

- É evidente que sim, meu caro. Existe, de fato, a possibilidade de opção. A cada instante de nossa vida, nos momentos importantes e decisivos, nós temos o

direito de escolher.

- E esse direito de escolha é o que se chama de livre- arbítrio?
- Exato. Todavia, quanto menos esclarecido e mais imperfeito for o indivíduo, maior possibilidade terá de optar erradamente.
- Então, Samuel, não há uma culpa total do indivíduo que erra?
- Culpa, nesse sentido em que usa a palavra, não. Mas a responsabilidade da escolha é-lhe imputada na razão direta de seu adiantamento.
- Como?
- Há seis meses, por exemplo, quando você não tinha ainda conhecimento da Doutrina, se cometesse alguma falta, ela não lhe seria inculpada com tanto rigor quanto se a praticasse agora. Como sabe, há crimes grandemente condenáveis pela Justiça Divina, embora nem de leve sejam abordados nos códigos terrenos.
- Já sei: a maledicência é um deles.
- Correto. Quanto ao livre-arbítrio, ele existe nessa possibilidade de escolha que o Pai nos oferece, mas que é grandemente inspirada pelo lado espiritual, o que não nos exime da responsabilidade. Assim é que a influência nos é imposta sob os dois aspectos: o negativo e o positivo.
- Como aquela propaganda? Olhe lá aquele cartaz, Samuel, vem mesmo a calhar.
- Estou vendo, Marcos!
- Um anjo que aconselha ir a tal exposição...
- ,...e um diabinho que o incita a desistir. Pois é o que acontece conosco, meu caro. Sofremos influência dos dois lados. Procurando estar sempre ligados aos planos superiores, receberemos bons conselhos por intuição. E lógico, além disso, que o estudo e o esclarecimento nos auxiliam também à opção correta. Por conseguinte, na própria busca do conhecimento doutrinário, já existe considerável dose de bom senso, pois, por meio dessa instrução, conseguiremos o equilíbrio e o discernimento indispensáveis para as grandes resoluções de nossa vida.
- Samuel, já sei que a boa influência nos advém de espíritos familiares, amigos, protetores. E a má?
- Essa, ao contrário, você também já o deve saber, vem-nos da parte de obsessores, velhos inimigos ferrenhos que nos acompanham desde tempos imemoriais, guardando desejos de vingança por nossa atuação maldosa, ou irresponsável, em existências passadas.
- E quando terminamos por escolher mal? Que nos acontece?
- Arrependemo-nos ao perceber as consequências, que nada mais são que frutos da transgressão das leis.
- Então, somos punidos.
- Espere, Marcos. É preciso entender muito bem esse termo. Não somos punidos pelo Pai, nem pela Alta Espiritualidade. O que acontece, e que o povo chama erroneamente de "castigo", nada mais é que uma reação contrária e muito natural de uma ação mal dirigida.

- Deveras?
- E como a queimadura que a criança acaba sofrendo ao teimar em encostar o dedo na chama do fogão.
- E nossas "queimaduras", desse modo, são nosso próprio castigo?
- De fato, ninguém toma conta de nós, por exemplo, como um feitor de escravos pronto a chicotear-nos a cada vez que erramos. Nós próprios, pela dor consciencial, tomamos sentido do que fizemos de negativo. Eis nosso castigo. E de erro em erro, vamos aprendendo.
- Como na Escola Nova?
- Sim. Dizem os pedagogos que a criança aprende por si mesma, pesquisando e executando seus projetos. E nós fazemos o mesmo. Ninguém consegue aprender pela experiência alheia. É preciso conquistar nossa vivência.
- Por método de tentativa e erro?
- Geralmente. Deduz-se, pois, que o espírito seja muito antigo e tenha a experiência de muitos milênios.
- Espere, Samuel. Deixe o carro passar. Depois atravessamos.
- Certo. Contudo, Marcos, não deduzamos, dessa afirmativa, que os homens tenham todos o mesmo ritmo de evolução. Há os vagarosos, os acomodados, que levam cinco, dez encarnações para avançarem um degrau mínimo, enquanto outros, esforçados, realizam grandes progressos numa só jornada.
- Imagino o que o nosso Francisco Cândido Xavier esteja conquistando nesta existencial!
- Lembrou muito bem, Marcos, mas considere também as existências de um Bezerra de Menezes, de um Albert Einstein, de Albert Schweitzer, Eva Curie, Francisco de Assis, Vicente de Paulo, Luís Pasteur, para somente citar alguns.
- Concordo. Dessa lista, apenas me falta notícia sobre esse segundo Albert.
- Ah, sei: Schweitzer. Era judeu. Aos 36 anos, se não me engano, formou-se em medicina e seguiu para a África, a fim de cuidar de negros leprosos. Fundou em Lambarène um hospital às suas próprias expensas.
- Já sei de quem se trata. Parece-me que publicou um livro, também.
- Publicou vários. Eram uma fonte de renda para manutenção de sua obra assistencial. De vez em quando, ia à Europa exhibir-se em concertos, como emérito organista que era, também para angariar fundos. Lutava com grandes dificuldades, principalmente de ordem financeira.
- Este, então, foi mais um dos vitoriosos.
- Não nos esqueçamos, no entanto, de outros, humildes, cujas vidas não ficaram registradas no mundo, mas que provavelmente terão sido lavradas em ouro no plano espiritual.
- Tem razão, Samuel.
- Quanto aos morosos, esses são os gozadores, os que imaginam que a existência deve ser passada em festas, orgias, comemorações. Ao desencarnarem,

descobrirão, com pesar, que deverão recomeçar tudo, com os agravantes de novos débitos contraídos na última existência.

- E você acha que eles ainda permanecerão no planeta, durante a nova fase de regeneração?

- Tudo depende do grau evolutivo que possuírem. Pode ser que nestas últimas encarnações hajam se descuidado, estando, contudo, bastante adiantados. Se o seu estágio for suficientemente classificado, é possível que tenham sua chance. Entretanto, acredito que um espírito de razoável adiantamento dificilmente se entregue aos prazeres da vida, descurando-se dos seus deveres. Como sabe, a característica das criaturas superiores é a do labor incessante. Quanto mais alta a sua escala, menor sua necessidade de repouso e mais devotadamente trabalha e produz. Conhece aquele refrão popular: "Se quer ver a tarefa cumprida, confie-a ao que mais luta e tem menos tempo"?

- Conheço-o. E é verdadeiro.

- Pronto. Cá estamos, de volta. Entre um pouco, Marcos.

- Não, obrigado, Samuel. Upa, rapaz, veja: são vinte e duas horas. Amanhã, levanto-me às cinco. Boa noite, bons sonhos!

- O mesmo lhe desejo. Apareça qualquer dia, de novo, para mais um passeio, heim? Boa noite!

Capítulo 6 DEFESA POR MEIO DO EVANGELHO

"Necessário uos é nascer de novo." Jesus (João, 3:7)

- Sabe que ando preocupado e inseguro?

- Com o quê?

- Com a família, Samuel. Que será de nós todos, sob esse clima de violência? Cada vez que sai uma criança para a escola, ficamos, minha mulher e eu, tão apreensivos, como se nosso filho fosse empreender a travessia do Atlântico.

- No entanto, você não perde seu bom humor.

rj -r- Não, eu falo sério. Essa história de travessia é que é brincadeira, mas, realmente, vivemos muito preocupados.

- E, meu bom amigo. Só mesmo as mãos de Deus para defender-nos, nessa época difícil. É por isso que nós, espíritas, estamos recebendo um "alerta" de espíritos amigos, a fim de nos escudarmos nos Evangelhos. O lar, para estar protegido, precisa ter as escrituras sagradas lidas e vividas por todos os seus membros. Em caso contrário, tudo poderá acontecer. Qualquer um de nós está sujeito a acontecimentos infelizes e inesperados.

- Acredita que estejamos no período descrito no Apocalipse?

- É provável. Se for, haverá um crescendo de agressões, de perseguições, de

conflitos, desastres, catástrofes e guerras ate que a humanidade inteira, sucumbida e aterrorizada, ponha os joelhos em terra e suplique humildemente perdão ao Pai, por sua falta de fé. Parece exagero de minha imaginação, não?

- Teremos aí o fim do orgulho?

- Esperamos que sim. No instante em que o homem se vir lançado em terra e reduzido a um trapo, mas não antes disso, é que o orgulho será vencido.

- Samuel, sabe o que me coloca em dúvida? Não entendo como o Pai Criador, que tudo pode e que é o imcio e o fim de todas as coisas, permite a vitória das forças do mal, ainda que passageira. Francamente, não encontro justificativa.

- Suas duvidas demonstram sua insipiência no assunto, meu caro. As forças malignas aí estão, sem o saberem, colaborando com o processo redentorial do homem. Os espíritos maus, os obsessores, são os devidos companheiros do ser humano atual, que, por sua má conduta, por sua ausência de amor, de fraternidade, nada mais consegue atrair além de negativismo. Eles, os espíritos delinquentes, vêm de volta, meu amigo, eles são aquela força que retorna duplicada, com toda a dor consequente de desequilíbrio lançado ao mundo pelo próprio homem desatinado. Eles, os espíritos das sombras, são o dedo queimado da criança desobediente que faz questão de desatender os conselhos maternos. Eles, os espíritos da discórdia, são o choro e o ranger de dentes dos que tudo possuíram na vida, mas que jamais ergueram um dedo mínimo para auxiliar a quem quer que fosse.

- Então, não há por onde escapar: o homem é o único responsável por tudo isto?

- E evidente, amigo. O Pai deu-nos muitos conselhos, enviou-nos profetas, entregou-nos até Seu filho, nosso meigo Jesus, que se imolou para exemplificar o viver perfeito. E o que fizemos? Pouco evoluímos. Alguns de nos, talvez, tenhamos nos esforçado um pouquinho, pedindo, com humildade, o auxílio para a melhora de nosso íntimo...

- Mas são poucos os que se esforçam para o progresso interior!

- E se continuam debaixo de suas imperfeições milenares, não será numa época terrível dessas, em que há erupção de forças negativas por todos os cantos, que conseguirão equilibrar-se suficientemente para se manterem inatacáveis. Quando acontece algum desastre ou conflito do qual são participantes, estão entregues à sua própria sorte.

- A rigor, então, não se pode falar na hegemonia das forças malévolas?

- No cálculo geral das forças universais em jogo, toma-se até cômico falar em vitória do mal. Isso não existe, quando se coloca em foco o pretenso dualismo Deus- demônio.

- Também este não existe, então?

- O quê? Quem? O demônio?

-É.

- Marcos, nós, espíritas, entendemos que aquilo que certas religiões

consideram como individualidade representativa do mal, com dinâmica de alguma forma parecida com o poder do Criador, não passa de força de expressão. Seria apenas mais um dos signos representativos das zonas onde falta a luz. Assim sendo, reinando pela força nesses lugares de sombras, nas chamadas profundezas, haverá, sim, espíritos em estado de queda que, por seu orgulho, querem combater toda expressão de amor. Dessa forma, fica subentendida erroneamente, para muitos que ainda desconhecem a Doutrina dos Espíritos, a existência de Satanás. O que se evidencia é a ação de muitos espíritos maldosos, querendo assumir posição de mando. Mas essa aparente supremacia de alguns é temporária.

- Agora entendo, Samuel. E qual seria, a rigor, a razão dessa avalanche de forças destrutivas caindo sobre encarnados?

- Como já disse, é a consequência de um incessante obrar de iniquidades, que retorna agora com força centrípeta.

- Como o bumerangue, não é?

- Isso. A vibração inferior dos encarnados concorre; por outro lado, para "sugar" os espíritos inferiores, que se acham dispersos pela crosta, Umbral e trevas e que se aliam ao torvelinho de destruição, participando intensamente dos acontecimentos, como verdadeiros agenciadores de desastres, intrigas, disputas e crimes de toda espécie.

- Poderia Deus, com um gesto, suspender todo esse estado de coisas?

- Poderia. Contudo, prefere deixar que as leis ajam corretamente, sigam seu curso normal, a fim de que o homem definitivamente aprenda, sentindo na própria carne, como no exemplo da Escola Nova, a vivência completa do erro e a necessidade inadiável de adotar, como fundamento, como base e condição indispensável de felicidade, o amor nas relações entre irmãos.

- Tem razão, tem razão, amigo. De que adiantaria também ao nosso Pai intervir, fazer cessar todo esse caos, se as criaturas continuariam sob o mesmo egoísmo, tão imperfeitas quanto antes? Dentro de algum tempo, seria imprescindível nova ingerência, não acha?

- Sim. Compreendeu muito bem. Far-se-ia necessária outra interferência porque o homem teria provocado estado idêntico de ebulição malsã, repetindo os crimes costumeiros, emitindo as indefectíveis radiações negativas, executando as mesmas ações malfazejas.

- E. O mal está dentro de nós.

- Exato.

- E que acontecerá?

- Haverá um batismo de fogo, meu caro, uma infinidade de acontecimentos crueis, findos os quais, a humanidade estará em condições de enfrentar as responsabilidades de uma civilização mais adiantada.

- O nosso planeta subirá de categoria?

- Perfeitamente.

- E nós também iremos acompanhá-lo nessa ascensão?
- Somente os que se afinarem vibratoriamente com o novo mundo, em padrões mais elevados.
- Enquanto isso, diga-me, caro amigo, que podemos fazer para auxiliar nossos entes queridos, nossos colegas, amigos, preservá-los da onda destruidora? Sente-se uma interrogação desesperada em cada olhar, uma sensação terrível de insegurança como essa que eu sinto enquanto não vejo meus filhos de volta ao lar, no fim de cada dia.
- Claro que poderemos auxiliá-los, e muito. Porém, nada conseguiremos, Marcos, se eles não se disciplinarem. Siga-me neste raciocínio: o desequilíbrio é fator responsável pelo desencadeamento dos acontecimentos perigosos; para que haja equilíbrio, é preciso disciplinar o espírito; para discipliná-lo, há necessidade de um expurgo dos vícios e das imperfeições maiores. Como querer atrair Entidades Espirituais Superiores, para conseqüente imunidade contra os perigos, se nem em tese concordamos em perdoar um nosso desafeto? Já não falo em amor, mas em perdão, simplesmente.
- E, às vezes, os ódios são oriundos de rixas banais.
- Na maioria. Como vê, nós podemos argumentar, apresentar centenas de arrazoamentos, provas, fundamentações filosóficas, o que quisermos. E o indivíduo poderá concordar com todo o processo do raciocínio demonstrado, poderá mostrar-se convicto e desejoso de reforma. Entretanto, se no dia de hoje acreditamos nessa boa disposição, somente o amanhã nos revelará se realmente houve renovação.
- Então, Samuel, é esse o problema crucial da reforma íntima. Não adianta só a boa disposição: há que se pôr logo a caminho e ir afastando os obstáculos.
- Um a um. Ou melhor: um após o outro. E não é fácil. Há indivíduos (a maioria, pode-se dizer) que se dedicam durante a vida inteira a uma religião, defendem-na, pregam-na, fazem grandes investimentos na sua propagação, mas, ao chegar ao término da existência, não conseguiram eliminar uma só de seu vasto rol de imperfeições. Morrem como nasceram, com o peso idêntico de iniquidades.
- Como poderei, em termos práticos, auxiliar os que me procuram nesse sentido, então, amigo?
- Ensine-lhes a prática do Evangelho no lar, como lição básica e fundamental.
- E isso bastará?
- O que importa não é a prática em si, mas os resultados que se obtêm, tomando os ensinamentos como um guia seguro para o aperfeiçoamento íntimo.
- Há meses, adotamos esse hábito evangélico lá em casa e todos participam.
- As quartas-feiras, não é? Como é que vão as reuniões?
- Maravilhosamente. Começamos com uma oração inicial, simples, e, depois, alguém abre ao acaso o nosso *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Esteja certo, querido Samuel, que sempre nos vem a mensagem de que mais necessitamos.

- E assim é, de praxe.
- No início, olhávamo-nos espantados, saboreando nossa estupefação. Agora, já nos acostumamos e fazemos nosso brinde de alegria por meio de sorrisos discretos. E conforme a leitura feita por um de nós, vamos recolhendo os ensinamentos de maneira pesarosa e, às vezes, por que não dizer...
 - ...envergonhados?
 - Isso. Envergonhados por não havermos enxergado há mais tempo aquela imperfeição tão flagrante, que os amigos do plano espiritual precisam vir mostrar-nos com tanto carinho.
 - Também sinto o mesmo, Marcos. Os defeitos estão em nós, palpáveis, até. Entretanto, só identificamos os dos nossos irmãos.
 - É uma das falhas da humanidade, não é? Mas voltemos ao que lhe contava. Depois da leitura, cada um de nós tece algumas considerações sobre o assunto. Trocamos ideias, jamais contradizendo os opinadores, pois foi-me explicado que isso poderia fazer descer o padrão vibratório.
 - Muito certo. E fazem também outras leituras?
 - Lemos obras infantis que interessem às crianças.
 - **Ótimo.**
 - E você, o que me conta sobre suas reuniões?
 - Bem, para início de assunto, já sabe que minhas irmãs e minha mãe professam outra religião, não?
 - Sei.
 - Deixe-me contar-lhe, agora, a solução que encontrei, com referência ao Evangelho. Advertido de que somente obteria tranquilidade e paz em minha vida desde que abraçasse a prática do Evangelho no lar, de preferência com a participação de toda a família, armei-me de coragem e procurei minha mãe e manas para o convite. Muito resabiado, pois sabia da extrema fidelidade de minhas amadas criaturas aos dogmas professados, expliquei-lhes de que se tratava, tendo o cuidado de mostrar realmente a feição exclusivamente normativa da prática, o que a faz totalmente ecumênica.
 - Não declinou sequer o nome da Doutrina?
 - E nem poderia. Contava com uma conquista gradual, serenamente penetrando nos terrenos espíritas.
 - E elas concordaram?
 - Desde que lhes afirmara tratar-se exclusivamente de leitura e estudo dos Evangelhos... contudo, na primeira reunião, mal nos sentamos à mesa e, por um descuido meu, minha mãe puxou o volume para si e leu o título do nosso livro-base... *O Evangelho segundo o Espiritismo...* Foi fatal.
 - Assustou-se?
 - Foi simplesmente assaltada de pânico! Ela, que costuma ser uma mulher até bastante comedida, foi tomada de uma crise violenta, jogando o volume ao

chão, sapateando sobre ele, e todas as seqüências menores que costumam acompanhar um desencadeamento obsessivo momentâneo.

- Abandonou tudo?
- Pode imaginar meu desalento? Profundamente abalado, procurei, no dia seguinte, a senhora que me atendera a primeira vez. Dela me veio o consolo e a orientação para realizar sozinho o Evangelho no lar.
- E pode ser feito sem companheiros?
- Sim. Adaptei-me logo, pois recebi, desde o início, a necessária cobertura espiritual. Iniciava a prática com uma prece em voz alta.
- Como se mais pessoas estivessem ouvindo?
- Exato. E, realmente, há. Como temos hora marcada, os mentores requisitados para o acobertamento espiritual arrebanham todos os elementos do "mundo de lá" que nos acompanham - entre perseguidos obsessores e simpatizantes gratuitos -, bem como os que frequentam a casa atraídos pelos outros membros da família, e trazem-nos para ouvir.
- Também fazia a leitura em voz alta?
- Sim, e explicava tudo com detalhes, dando exemplos com fatos ocorridos na realidade. Como se desse aula a uma classe invisível.
- E era, de fato.
- Por isso, esforçava-me por explicações bastante objetivas e até mesmo primárias. Após a leitura e a explicação, nova prece agradecendo a presença dos mentores amigos e pedindo bênçãos a todos os necessitados.
- Nunca falhou?
- Creio que umas duas ou três vezes, nesses anos todos, por absoluta impossibilidade de evitá-lo.
- E quando está viajando?
- Realizo-o onde quer que esteja.
- E sua vida, Samuel, apresentou melhoras com essa prática?
- No início, tive grandes problemas.
- Não me diga! Obsessores?
- Que passaram a atacar com furor redobrado as pessoas mais sensíveis da família.
- Meu Deus! Se fosse outro, sem fé, teria abandonado tudo!
- Disse-o bem, amigo. Te-lo-ia feito, se não houvesse recebido instruções a respeito, por parte daquela criatura abençoada que me preparara o espírito com antecedência.
- Sua instrutora?
- Sim. Preveniui-me, alertando-me para essa costumeira reação.
- Eu não senti isso.
- Graças a Deus, Marcos. Nem todos têm os mesmos problemas, nem todos carregam atrás de si uma leva de inimigos desencarnados, como teria sido,

provavelmente, o meu caso.

- Continue, continue. E o que fez?
- Corri, desesperado, ao Centro Espírita, para aconselhar-me sobre o que deveria ser feito.

- E o que lhe recomendaram?

- Recomendaram-me a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em voz alta, em horas certas, seguida de uma oração em favor dos inimigos. Isso, diariamente.

- O quê?

- Sim, meu caro. Todos os dias.

- E o Evangelho no lar?

- Nada tem que ver com essa outra prática. São totalmente independentes. A leitura funciona especificamente como limpeza psíquica do ambiente domiciliar.

- Que é isso?

- Não é necessária a limpeza cotidiana do lar? Não é nisso em que se empenham as donas de casa, cuidando de tudo, esfalfando-se em lavar, limpar, polir, lustrar?

- Também você resolveu lavar e lustrar os obsessores?

- Não brinque, meu caro. Foi o único remédio para adquirir paz.

- Normalizou-se tudo?

- Aos poucos, os ânimos foram sendo serenados, houve compreensão, mamãe e as manas passaram a respeitar minhas convicções...

- Contudo, não aderiram ainda, não é?

- Não tem importância. Basta que não tragam polêmica, prejudicando a vibração da casa. Um dia todos estaremos irmanados na defesa de um só ideal de amor. E, até lá, vamos nós fazendo o papel de sapadores, abrindo caminho.

- Escute, Samuel, como é essa oração pelos inimigos? Não é difícil atender aos objetivos visados?

- Será, se não for antecipada por uma perfeita ligação com os planos elevados.

- Pode fazer virar o feitiço contra o feiticeiro?

- Em termos, Marcos. Como não me canso de repetir, é preciso haver disciplina em toda prática espiritual.

- E para tanto...

- Temos hora rigorosamente certa.

- Para a cobertura espiritual?

- Lógico. Depois, uma preparação mental perfeita, a necessária mentalização do Cristo ou de algum símbolo específico, com a consequente iluminação de nós próprios.

- Já sei. Aquela imagem interior de nosso perispírito banhado pela luz emanada das altas esferas, conforme...

- ...explicação que lhe dei. É.

- Depois?
- Nesse ponto, já fizemos a ligação necessária. Basta, agora...
- Ler a oração dos inimigos?
- Não. Ainda não. Nesse instante, fazemos a súplica inicial com nossas próprias palavras, dirigida a Jesus e aos planos superiores, agradecendo os benefícios recebidos, pedindo saúde e nossa melhora interior. Passaremos, então, a ler em voz alta um trecho de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
 - É preciso explicar, também?
 - Não há necessidade, Marcos. Basta lê-lo devagar, caprichando na dicção, para ser bem compreendido. Depois de uma página ou página e meia, conforme se deseje, faremos uma ligeira prece ao Pai, pedindo-lhe que abençoe nossos inimigos, perdoando-lhes as faltas e oferecendo-lhes oportunidades redentoras. Um pai-nosso e, em seguida, a leitura (sempre em voz alta; não nos esqueçamos de que, do início ao fim, tudo deverá ser falado e lido de maneira perfeitamente audível) da "prece por nossos inimigos".
 - Onde existe essa prece?
 - Faz parte da coletânea de orações, nas últimas páginas de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
 - E depois?
 - Outro pai-nosso, que, aliás, é optativo. Eu o adoto. Por fim, os agradecimentos ao Criador, a Jesus e aos mentores presentes, e a licença para terminar.
 - Que maravilha! Gostei!
 - É excelente, mesmo, porque nós próprios, forçados a um contato diário com os Evangelhos, e não só semanalmente, colhemos orientação e sugestões inúmeras para nosso crescimento interior. Vamos nos tornando mais compreensivos, abandonamos certas manias das quais não nos apercebíamos, mas que, juntas, constituem o acervo de imperfeições que frequentemente nos qualificam aos olhos alheios como intoleráveis.
 - Ah, ah, ah!
 - **E engraçado, mas é verdadeiro. Quanto menos imperfeitos formos, mais recursos teremos para não só nos posicionarmos socialmente falando quanto obter resistência contra os ataques do mal. Com a constância da leitura evangélica e da prece pelos inimigos, o mundo invisível que nos ouve vai tendo oportunidades inestimáveis.**
 - **Refere-se aos mentores?**
 - **Não, Marcos. Refiro-me aos obsessores da casa que são arrebanhados pelos mentores e levados ao cômodo onde nos encontramos, para nos escutarem.**
 - **Por que diz oportunidades?**
 - **Porque muitos deles jamais terão ouvido sequer uma lição pequenina de moral cristã. Muitos deles terão nascido e morrido - pobres deserdados - sem**

a felicidade de aprenderem uma só das inúmeras maneiras de se aproximarem do Pai Misericordioso.

- Talvez não tenham aprendido nem mesmo a orar?

- Possivelmente. E não serão poucos os que se encontram nessas condições, meu caro.

- Pois bem. E depois, eles entenderão o necessário?

- Sim, gradativamente, irão assimilando as lições de amor ao mesmo tempo que nós.

- É desse modo que consegue a "limpeza" do seu lar, então?

- Com as lições que recebemos e o esforço que fazemos no sentido de melhorar-nos, vamos, imperceptivelmente, emitindo vibrações mais leves, fruto de nossas conquistas no plano do sentimento. Quanto mais amarmos, mais alta será a frequência de nossas energias vitais. Dessa forma, os "companheiros" antigos já não se sentirão mais à vontade ao nosso lado, porque estarão intranquilos, sem motivação.

- Refere-se aos companheiros desencarnados?

- Sim.

- E no lugar deles?

- Virão outros, atraídos pela nova faixa de radiação leve, alegre, feliz.

- E esses já não nos perturbarão?

- Exato, porque serão abelhas laboriosas atraídas pelo mel das flores que plantamos no nosso jardimzinho particular.

- Formidável!

- É por isso que nos é facultado a todos atingir um estágio em que nos sentiremos abrigados contra os maus. Em que a ação dos inimigos já não nos será perniciosa.

- Também quero chegar a esse nível, Samuel.

- Um dia, lá chegaremos, amigo. Cumpre trabalharmos muito, nesse sentido. Sabe a que me entrego nesse ensejo diário?

- Durante a leitura do Evangelho?

- Certo.

- E durante esses dez ou quinze minutos de oração?

- Sim. Dedico alguns instantes ao meu treino de amor.

- Como é isso? É difícil, Samuel?

- No princípio, as coisas se nos parecem difíceis, sempre. Com esforço, porém, poderemos ir ultrapassando todos os obstáculos. Além disso, a única maneira de vencer um problema é enfrentando-o. Todos temos que aprender a amar. |

- É fundamental, não?

- Sobre a lei do amor estão colocadas todas as outras. E como amar os amigos, os parentes, os que nos amam, é bastante fácil...

- As vezes, não e muito não, meu caro!
- Bem, em certos casos, nosso lar torna-se o refúgio obrigatório de um ou outro ex-inimigo de outras existências, mas isso já é uma outra conversa.
- Eu sei. Falei apenas por falar.
- Amar, pois, os que nos retribuem o afeto é matéria de primeiro ano.
- Até de escola maternal...
- Porém, amar alguém que nos olha com rancor ou que se empenha em prejudicar-nos já é estudo para cursos de aperfeiçoamento.

- Também concordo.

- E sobre esses que procuro lançar meu esforço amoroso, diariamente.

- Você não há de ter desafetos, Samuel! E tão bom, procura atender a todos com tanta solicitude... será possível possuir inimigos, sendo assim?

- Não sou santo, Marcos, não se esqueça disso. Por mais que nos esforcemos, sempre haveremos de fracassar, num instante de descuido. Mas suponhamos que eu tivesse o dom maravilhoso que, carinhosamente, me atribui, digo que é possível ter antipatizantes, ainda assim, embora com menor incidência. Esquece-se de que há criaturas para quem a ação de amar representa uma lição ainda inaprendida e que se revoltam ao encontrarem outros capacitados à tarefa que não conseguiram executar?

- Refere-se aos invejosos?

- Sim. O caso de São Bento serve-nos como ilustração. Se tal criatura pura teve sempre um perseguidor gratuito que lhe mandava alimentos envenenados e tudo fazia para eliminá-lo, que poderemos dizer quanto a nós, pobres seres tão inferiorizados por nossas fraquezas e imperfeições?

"Contudo, não vá deduzir que são inúteis nossos esforços de aprimoramento. Se ontem eu possuía muitos desafetos despertados por minha maldade, por minhas fraquezas e ignorância, hoje, evidentemente, encontro, ao meu redor, quantidade bastante reduzida dos que não me querem e, entre a falange de amigos e companheiros, tenho a felicidade de encontrar muitos daqueles que primitivamente se colocavam do lado da "oposição".

"Assim como - graças a Deus, em menor número - surgem invejosos observando nosso esforço ascensional, também, em contrapartida, em número bem mais avantajado, comparecem amigos verdadeiros e simpatizantes recém-despertos à vista de nosso trabalho para, com sua anuência, premiar nossa luta. Todavia, não nos afastemos de nosso assunto. Como sou dispersivo, não?"

- Falava sobre treino de amor.

- Obrigado, Marcos. Para esse treino, aproveito os instantes em que me encontro bem ligado com o "alto" e busco todas as figuras que, de um modo ou de outro, mostraram certa animosidade contra mim, maltratando-me por gestos ou palavras, durante a semana. E, um a um, envolvo-os em luz, abraço-os mentalmente e peço ao Pai que os abençoe.

- Credo! Isso já é demais!
- Não é, meu querido, não é. Pode parecê-lo, à primeira vista. Porém, se você tem de cumprir a lei, é melhor começar devagarinho, tateando, pedindo auxílio ao Pai, emitindo antes apenas perdão. Depois, numa segunda fase, após semanas e semanas de treino, além do perdão, também simpatia. E, em último estágio, um sentimento mais sutil e radioso, em forma de energia amorosa.
- Isso é, de fato, um exercício válido de amor, Samuel?
- E este o caminho da paz, Marcos, a conquista da felicidade. Ê o exercitamento adequado à implantação da autêntica doutrina cristã. Se pudermos nos desenvolver nessa prática, dia virá em que poderemos afirmar, quanto à nossa parte, que não temos inimigos.
- Por quê?
- Teremos conquistado uma tal estatura moral que não detestaremos ninguém, não teremos mágoa contra ninguém, seremos fraternos e amaremos todo ser vivo.
- Entendo, entendo. No entanto, nem por isso a recíproca será verdadeira, não?
- De fato. Pode ser que nossa paz e tranquilidade suscitem inveja de muitos infelizes, e eles passem a nos detestar. Entretanto, nada disso nos afetará.
- Teremos adquirido imunidade?
- Sim, pois estaremos cercados por uma barreira luminosa que rechaçará toda e qualquer investida magnética negativa.
- Isso dispensará vigilância de nossa parte?
- Claro que não, meu caro. Inclusive, poderemos nos fanatizar e cair sob processo obsessivo.
- O fanatismo é prejudicial?
- E ausência de equilíbrio, Marcos. Mais perigoso que a própria falta de fé. O indivíduo fica debaixo de uma tal obsessão que age movido por uma força quase demoníaca. E, o que é pior, fazendo tudo "em nome do Senhor".
- Poderemos, a qualquer momento, então, sofrer uma queda?
- Todos estamos sujeitos a isso. Eis por que o Mestre nos aconselha a vigilância. E um dos pontos a vigiar, constantemente, é o que se refere à nossa humildade. Constantemente, deveremos pedir aos nossos bons espíritos que nos alertem ao perceberem qualquer sintoma de vaidade em nosso íntimo, porque ela é a responsável pelo princípio de todo desequilíbrio.
- O ser humano é muito vaidoso, não acha?
- Infelizmente. Nem os defensores da Doutrina estão livres desse fantasma. A maioria das dissidências nos nossos grupos de trabalho deve-se a esse fator. Todos se julgam com qualidades maiores que as dos companheiros, para os primeiros cargos. Ninguém pensa em pegar uma vassoura para tirar o lixo da entrada, ou um pano para livrar os móveis do pó. Essas, segundo opinião de cada um dos associados, são tarefas que devem ficar à espera de irmãos mais afinados com

trabalhos grosseiros.

"Com essa falta de visão interior e de objetividade no panorama dos verdadeiros interesses doutrinários, muita obra acaba antes de produzir frutos reais, muita ideia de valor se enfraquece por falta de apoio desinteressado."

Capítulo 7 DIFICULDADES DO INICIANTE DA CARIDADE

"Porque assim é a vontade de Deus que, fazendo o bem, íapeis a boca à ignorância dos homens loucos. " Pedro (1 Pedro, 2:15)

- Alô, amigo. Está livre para nosso bate-papo?
- Claro. Entre, Marcos. Sabe que me acostumei com você, e quando não aparece sinto falta...
- Esta noite não pude dormir muito bem. Algumas questões vieram bater-me às portas do raciocínio. Prometi-me que hoje mesmo viria consultá-lo.
- Questões doutrinárias?
- Mais ou menos. Não tenho sua cultura específica, Samuel. Por isso, às vezes, nem sei como qualificar a natureza dos problemas que se me propõem. Suponhamos que eu tenha o máximo de boa vontade de servir ao próximo; porém, em todas as tentativas, sai tudo errado.
- Você tem tido realmente esse desajuste?
- Eu, não. Graças a Deus. Mas é um fato passível de observação frequente. Tenho registrado queixas de companheiros nesse sentido.
- De fato, há mesmo ocorrências desse tipo, a toda hora. Pessoas que se esforçam por acertar e que, no entanto, vêem seus anelos de colaboração e de caridade totalmente desbaratados por forças estranhas que parecem mancomunadas para a má consequência de tudo quanto realizam.
- Como explicar esse enigma?
- Pode constituir-se em enigma apenas para os que desconhecem a Doutrina, meu caro. Tem razão, fazer o mal é sempre muito mais fácil do que fazer o bem.
- E não está errado isso, heim, Samuel?
- Por que diz "errado"?
- E... é... sei lá! Sinto que algo não anda bem.
- Temos de ser mais objetivos, meu caro. Quando você diz "errado", inconscientemente faz uma acusação às Leis Divinas.
- Eu? E... pode ser. Porém, à vista de certas coisas, é o que se deduz!
- Perdão, amigo. Dedução sem o mínimo critério. Se você souber fundamentar os fatos, verá que o problema se torna explicável. Aliás, Jesus recomendava: "Porfiai por entrar pela porta estreita, pois é essa que conduz à verdadeira vida".
- Essa frase teria alguma ligação com esses fenômenos, Samuel?

- Não somente com esses, amigo, quanto com todos os outros onde são necessários esforços desmedidos para a redenção do homem. No fundo, é a exigência de uma força enorme, mediante a qual o homem supera o meio que o cerca para agir sempre de maneira superior. E agir de maneira elevada, num ambiente que não o é, exige muito, pode percebê-lo com facilidade.

- Tem razão.

- Assim, o problema da caridade também se encaixa dentro desse esquema. E o sucesso ou fracasso dessas tentativas piedosas ligam-se especificamente ao fator vibratório. Não se impõe apenas o desejo de fazer o bem, mas é preciso que esse desejo esteja alicerçado numa relativa defesa interna, representada pelo auto-esforço contra as imperfeições e pelo conhecimento dos mecanismos da espiritualidade, mediante os quais possa a criatura colocar-se mais ou menos a salvo dos ataques de forças negativistas.

- Você falou sobre o fator vibratório. Todavia, uma pessoa que deseje praticar a caridade já não estará, de antemão, dentro de uma vibração favorável?

- Nem sempre.

- Mas... é... não é esquisito?

- Provam-nos os fatos, Marcos. Tantas vezes temos visto pessoas tentando auxiliar alguém e sofrerem reveses surpreendentes.

- Isso podemos observar a toda hora.

- Deve-se tal fenômeno à falta de resguardo, ao desconhecimento das coisas da espiritualidade.

- E... tinha razão Shakespeare quando afirmava haver mais mistérios entre o Céu e a Terra do que suspeita nossa vã filosofia.

- Começemos a dividir o assunto, para torná-lo mais acessível. Você sabe que todos temos o desejo de progredir.

- Admito que esta seja uma necessidade vital para o homem.

- Sim, Marcos. Todos guardamos (ainda que na maioria dos casos apenas instintivamente) a convicção de que um dia nos reintegraremos à Grande Fonte de onde nos desgarramos, certa vez, como grãos de poeira, com tudo a ser feito.

- Certo.

- Nesse desejo de aperfeiçoamento estão, evidentemente, enfileiradas todas as conquistas que necessitamos alcançar paulatinamente. É como se, ao lançar-nos à grande aventura cósmica, o Pai nos costurasse à roupa espiritual uma cartilha com os muitos itens a atingir e os meios para consegui-los. Que faz aí, seu maroto, procurando o quê, nesses bolsos?

- Procuo a minha, Samuel.

- A sua... o quê?

- Minha cartilha. Fui roubado!

- Não tem conserto, heim, malandrinho?

- Perdoe-me, meu caro. Continue, continue.

- Então, num dos capítulos, o homem descobre que precisa ser bom, ser fraterno, e que o caminho mais curto para atingir a fraternidade é prestando serviços a este e àquele, indiscriminadamente.

- "Fazer o bem, sem olhar a quem."

- Sim, mas ao descobrir isso, ele tem, atrás de si, séculos e séculos de crimes, crueldades, iniquidades, tudo armazenado na sua alma, como uma bagagem sinistra.

- Ah, entendi. Já entendi tudo! Não é porque resolveu ser caridoso que ele vai "clarear" imediatamente sua aura!

- Muito bem, amigo. Se estivéssemos numa classe, você, certamente, seria o primeiro aluno.

"Como consequência, e apesar da disposição maravilhosamente sadia de praticar a caridade, ele permanece ainda muito vulnerável, porque sintonizado nas faixas ínfimas dos seres imperfeitíssimos.

"Assim, ao aproximar-se do infeliz que pretende ajudar, já recebe dele próprio, do infeliz (e isso é cientificamente fatal), vibrações tão terríveis que, somadas às suas próprias, transformam-se numa carga muito pesada para quem não tem preparo espiritual."

- Que quer dizer com esse "preparo espiritual"?

- Refiro-me ao conhecimento que se adquire ao estudar-se a Doutrina Espírita e mediante o qual conseguimos nos isolar de radiações pesadas. Como pode perceber, nós, espíritas, não teremos também nosso passado expurgado de uma hora para outra, pelo simples fato de ter aderido à Doutrina. O Espiritismo não é nenhuma varinha mágica mediante cuja ação pura e simples limpamos nossa aura de uma hora para outra.

- Não se desvie, amigo.

- Portanto, a questão essencial reside no desconhecimento do mundo invisível. Uma grande parte das ocorrências desagradáveis que nos surpreendem, nós as devemos à nossa ignorância sobre fenômenos da espiritualidade. E, veja bem, estou ainda no meio da sequência, Marcos. Disse-lhe apenas que a história toda se liga à existência de faixas vibratórias pesadas, mas não completei o restante da explicação. Voltemos ao início.

- Sim. Você tenta explicar-me por qual motivo encontramos muitas vezes dificuldades tais nos atos de caridade que, no nosso deficiente modo de enxergar, em lugar de prêmio pela nossa boa ação parece-nos haver recebido um castigo dos céus.

- Falou bem, meu caro. Recebemos, de fato, uma espécie de "castigo", mas, atente bem pára este detalhe: ele jamais poderá ter vindo das altas esferas!

- Como?

- Só pode ter vindo, é evidente, das baixas esferas, aonde nosso padrão vibratório nos conduz. E quais são os habitantes dessas faixas? Os espíritos ignorantes, infeuzes, despidos de sentimentos e joguetes fáceis das forças do

mal que os incitam a toda espécie de desatinos.

"E por essa razão que pouca gente consegue 'subir' na escala da evolução moral. Porque, ao iniciarem seus esforços no sentido de melhorar, recebem pressão negativa em todos os sentidos e desistem logo."

- Eis a porta estreita, não?

- Exatamente.

- Samuel, diga-me: que fazer? Como poderá uma criatura deixar o estado praticamente de larva moral e começar a progredir?

- Antes da resposta a essa pergunta, Marcos, permita-me responder a uma outra que você não fez, mas que deveria ter sido proposta em primeiro lugar. É a que se refere a um recurso eficaz para que a caridade possa ser feita por todos, mesmo por aqueles que principiam na senda da redenção.

- Ah, tem razão! Qual é esse recurso?

- A oração, meu caro. Ela representa a arma segura contra os efeitos negativos e os riscos que todos nós corremos durante nosso processo vivencial. Se houvermos nos preparado, pela manhã, através de uma prece feita com todos aqueles cuidados já revistos por nós em palestras anteriores, estaremos devidamente defendidos por uma cobertura magnética de alta frequência, que rechaçará qualquer ataque de ordem negativa, a menos que essa cobertura seja quebrada, logo após a prece, ou no decorrer do dia, por nossos maus pensamentos ou más ações.

- Ótimo. Quando alguém me apresentar o problema, agora saberei dar o conselho adequado. E quanto à pergunta anterior? Como se consegue evoluir?

- Antes de qualquer coisa, é necessário ter fé. Orar, vigiar e confiar na Misericórdia do Pai.

- Muita gente, no entanto, diz que tem fé - e eu acredito realmente que tenha -, porém não consegue progredir espiritualmente.

- Nesse caso, Marcos, acredito que se faça necessária uma investigação mais de cunho científico do que propriamente dogmático da vida espiritual.

- Isso só aconteceria com pessoas de outras religiões, justamente porque não possuíam acesso aos estudos de fenômenos espíritas?

- Tais casos podem dar-se também com adeptos do Espiritismo, particularmente com aqueles que se iniciam. Conheço vários exemplos de criaturas desejosas e sinceramente devotadas ao esforço evolutivo e que, apesar de tudo, nada conseguiam atingir, como se uma força invisível as impossibilitasse de se realizarem.

- Não se trata de obsessores, Samuel?

- Sim. Há casos de obsessões graves em que o elemento obsessor não entende que deve ceder, para que o obsediado, executando seu progresso e resgatando suas faltas, propicie também para ele próprio - perseguidor - sua oportunidade redentora. Nesse caso, há necessidade de que a pessoa prejudicada frequente

cursos em que possa ir adquirindo conhecimentos sobre todos esses aspectos, o que outorgará ao acompanhante invisível uma dose considerável de responsabilidade, pois, a essa altura, terá obtido as condições necessárias para agir corretamente, permitindo que seu perseguido realize sua tarefa.

- Amigo, e se por acaso esses dois implicados - o subjugador e o subjogado - tiverem resgates a realizar juntos?

- A meu ver, considero impróprio equacionar o problema nesses termos, desde que as tarefas que trazemos para o mundo terrestre costumam ser traçadas no plano espiritual, antes do reencarne. E não me consta que haja nenhuma tarefa perturbatória confiada a quem quer que seja.

- Todavia, existem obsessores e obsessões.

- De fato, há, Marcos. Mas não como algo "mandado" pela Providência. Você me entende, não? A nenhum espírito é confiada a tarefa de perturbar quem quer que seja, como ninguém vem ao mundo para praticar o mal.

- E, no entanto, praticam, Samuel. Apesar disso, perseguem, matam, esfolam, armam ciladas...

- Mas não como um programa. Seria mais explícito afirmar: como fuga do programa.

- E diante desses desatinos, é-lhes imputada alguma responsabilidade?

- Cada vez maior, à medida que esses indivíduos se instruem. E, a propósito, voltemos ao tema importantíssimo dos cursos sobre assuntos espirituais, dos quais falávamos: quando um encarnado se matricula num desses cursos como os que se efetuam nas boas Casas Espíritas, ele está não só beneficiando a si próprio, como aos seus perturbadores invisíveis, que passam, desse modo, a ter noção exata de sua responsabilidade nos entraves que provocam contra o aperfeiçoamento de seu perseguido e deles próprios.

"Além dessa responsabilidade, que nós poderíamos caracterizar melhor denominando-a 'despertamento consciencial', o estudante propicia também ao seu companheiro do além os meios necessários para realizar, ele mesmo, uma tarefa mais digna, procurando locais de trabalho útil e benéfico no plano espiritual."

- Então, faz caridade!

- Perfeitamente, meu querido. Você chegou à dedução que eu queria. Está percebendo a profundidade do nosso tema?

- Claro!

- Não adianta, pois, acharmos que as coisas estão perdidas, que tudo restou inútil, e que nossos esforços ruíram por terra, quando fracassamos nas primeiras tentativas.

- E que os caminhos provavelmente não eram aqueles.

- Ou, então, como nada é destituído de significação, as sendas, aparentemente erradas, deram resultado positivo, servindo-nos como experiência. Longo é o braço da Sabedoria Divina, meu caro.

- Vejo, agora, como tudo se aclara, Samuel. Recapitulemos, sim?
 - Perfeitamente.
 - O homem deve esforçar-se por ser fraterno e caridoso.
 - Certo.
 - Se ele, nessas experiências, colher mais dissabores que alegrias, não deve desanimar...
 - **Exato.**
 - ...porque, se desanimar, estará se condenando a mais um período de estagnação para seu espírito.
 - Muito bem.
 - E se nada consegue, se todas as portas parecem fechar-se contra ele, apesar da fé, apesar das preces?
 - É preciso recorrer à instrução espiritualista.
 - Fazer cursos, ler e procurar alguém com conhecimento e de boa vontade para orientá-lo? Como você procede comigo, Samuel?
 - Com toda alegria, Marcos, embora eu pouco saiba. Contudo, esteja certo de que todos nós, trabalhadores da Doutrina, quando bem intencionados, temos sempre a nosso dispor espíritos fraternos e mais esclarecidos, que nos auxiliam nesse trabalho benéfico.
 - Deduz-se daí que todo esforço feito no sentido da instrução traz-nos sempre ótimos resultados.
 - Em todos os sentidos, Marcos. E, note bem: mais do que a quaisquer outros, principalmente aos trabalhadores da Seara do Mestre. Que seria de nós se não possuíssemos algum preparo? Como receber as santas inspirações transmitidas por Mensageiros Superiores, muitas vezes trazidas das próprias Esferas Crísticas?
 - Ah! Lembrei-me agora de algo que você me disse há instantes. Nós, realmente, temos tarefas predeterminadas antes de nascer?
 - De fato, nós já reencamamos com certo programa básico para executar, mas, conforme se desenvolve nossa conduta, podem surgir novos compromissos.
- "No que me concerne, acredito que tenha trazido comigo o projeto de batalhar pela difusão doutrinária. E você, Marcos, está sendo conduzido, agora, a me acompanhar. É evidente que nossa amizade não será apenas destes dias.
- "E a Providência terá trazido você de novo como amigo para me auxiliar, provavelmente, nesta fase da vida, estimulando-me em meus propósitos."
- Espere um pouco, Samuel. E você quem me esclarece e sou eu que recebo cumprimentos de sua parte? Tem isso cabimento?
 - Pode parecer-lhe estranho, mas não só aquele que recebe deve agradecer, porém, aquele que dá precisa fazê-lo em dobro. Constitui uma felicidade ter-se uma pessoa com quem se exercite o amor fraterno.
 - E verdade. Não reza Francisco de Assis esta máxima: "É dando que se

recebe”?

- E, sob esse aspecto, atentemos para nosso assunto de há pouco. O aprendiz do Evangelho, frequentador de vários cursos, o pesquisador do Espiritismo que estuda, recebe de volta frequentemente o que dá, pois, colocando seus obsessores a par das leis e verdades espirituais, não só fornece elementos para a redenção desses infelizes, como, principalmente, livra-se deles!

- Será caridoso usar esta palavra: “livrar-se”?

- Fui mesmo um tanto descuidado, Marcos. De fato, a primeira vista e num exame superficial, qualquer um de nós poderia realmente considerar um mau acompanhante como um entrave, uma pedra dentro de nosso sapato já apertado. Entretanto, quantos de nós devem sua reforma aos seus obsessores! Quantos, querendo fugir de seus efeitos maléficos, não teremos buscado socorro espiritual para encontrá-lo nele - e somente assim, afinal! -, no Mestre Divino, que, em vão, nos esperava há tanto tempo! Nossa existência é um eterno aprendizado, caro amigo. Você, agora mesmo, não me chamou a atenção?

-Orá!

- Sim! Evitou que eu cometesse uma injustiça referindo-me descaridosamente aos nossos irmãos infelizes. Como percebe, nenhum espírito recebe a tarefa de obsidiar quem quer que seja, ou criatura alguma vem ao mundo - encarnada ou não - para executar qualquer tarefa que não seja a do amor. Contudo, quando os que se transviam cedem às tentações do mal, esteja certo, meu caro, que sua obra nefasta será sempre aproveitada para o bem, sob os aspectos mais estranhos. Eis o que nem todos podem entender, principalmente porque vislumbrar, nesses exemplos, a infinita Sabedoria Divina operando, é tarefa demasiado difícil, quase impossível mesmo, pelo menos para nós, tão insignificantes nos conhecimentos e na capacidade de amar.

- Todavia, o ditado popular já nos é bastante explícito: “Deus escreve certo por linhas tortas”.

- Não fuja da lógica, Marcos. E preciso esclarecer: não é Deus quem escreve por linhas tortas. O que Ele faz é aproveitar a tortuosidade do mal, transformando-o em agente propulsor do bem.

Capítulo 8 INSEGURANÇA ATUAL

“Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá.”

Jesus

- Samuel, quando a vida transcorria mansamente, sem exigir de nós este estado constante de “alerta”, como nos sentíamos felizes, não? Nem dávamos conta do passar do tempo e, o que é mais importante, nem nos lembrávamos de

estar num mundo com tantas dificuldades.

- Você me fez lembrar, agora, do *Grande sertão: veredas*.

- Do Guimarães Rosa?

- Sim. O narrador saía-se sempre com essa: "Viver é bem perigoso, compadre".

"Mas tem razão, amigo. Também noto em mim um saudosismo pelos tempos antigos, quando saboreávamos a vida de maneira plácida e serena. E bem verdade que ainda somos relativamente moços para ter uma visão distanciada. Porém, basta-nos lembrar de nossos cenários infantis, quando a existência era bem mais pacífica, para sentirmos a diferença.

"Agora, cada dia que passa apresenta sua carga de agressividade e desajuste maior que o anterior, e o panorama se torna progressivamente trágico."

- Essa progressão não terá um limite? A brasa está acesa. Não é?

- E o fogo poderá alastrar-se.

- Aliás, isso já foi mais ou menos previsto. Não está no Apocalipse?

- Lá está a interpretação daquilo que muitos chamariam fim do mundo.

- Não acha que se faz uma ideia muito deturpada dessa história toda, Samuel?

- Ah, sim. Fazem mesmo confusão. Inclusive a maioria considera Deus o autor da condenação do mundo a um fim trágico e responsabiliza-O por tudo quanto dizem que advirá. Ao interpretarem as profecias, confundem previsão com predeterminação.

- E para evitar essa dedução estapafúrdia, como poderíamos explicar o assunto?

- Já tivemos oportunidade de focar o problema, amigo. A ignorância do homem o faz entregar-se a essas conclusões apressadas, em que é sempre ele próprio quem sai perdedor, porque, em lugar de livrar-se da descrença, enreda-se mais ainda em suas teias. Mas... não importa. No instante em que houver maior difusão dos conhecimentos espíritas, essa mentalidade irá sendo mudada.

"O que interessa é saber que o profeta sentiu antecipadamente o que resultaria se a humanidade agisse mal como de fato tem agido. Ele não desejou e nem lançou a maldição como castigo. Está claro que, se a humanidade houvesse resistido mais aos insuflamentos do mal, ela não colheria os resultados que aí estão, como consequência.

"E acredito, no entanto, Marcos, que isso seja apenas o começo."

- Ah, sim?

- Como percebe, pois, este é mais um ângulo daquele problema do mal e de sua "volta" sobre o que tivemos já oportunidade de conversar. Existem leis que regulam as forças em jogo, no universo.

- Isso mesmo, lembro-me perfeitamente bem. Quando falamos sobre-a dor, sobre o desequilíbrio lançado ao mundo e que temos obrigatoriamente de reabsorver...

- ...e que recolhemos por meio das catástrofes, dos desastres coletivos, das

calamidades públicas, uma vez que a agressividade, o ódio destilado sobre a face da Terra, é de tal monta que às reações não são mais individuais e sim, coletivas.

- Por que diz isso? Será por que todos nós erramos?

- Sim, todos agimos mal, todos emitimos ódio, todos reagimos animaismente. Cada vez que solicitados a qualquer manifestação, vemo-nos transformados em brutos, em autômatos do mal, em instrumentos de forças desagregadoras.

- Certo.

- Por qual motivo, então, clamar contra Deus quando os prédios ruem, o solo se abre, os mares invadem a terra, a neve soterra cidades? Quando os incêndios matam dezenas e os desastres aumentam de número a cada novo dia, se isso passa a ser mera reação às nossas investidas?

Parece-me tenebroso, mas verdadeiro, Samuel. Concordo com sua explicação. Diga-me, entretanto, amigo, que fazer diante da iniquidade geral, da difusão do ódio, da maldade enaltecida?

- Trabalhar ativamente, combatendo com todas as forças de nossa alma a momentânea hegemonia das forças negativas. E quando vierem as reações mais vigorosas, quando parecer que realmente a Terra se projeta na escuridão total, quando imaginarmos que chegou o fim de tudo, tenhamos nosso coração cheio de amor e alegria. Saibamos que, finalmente um dia, a luz tornará a brilhar, porque o Pai assim o quer. Porque dentre as trevas surgirá o brilho incomensurável da Criação Divina.

- Nenhum de nós, trabalhadores do bem, deverá temer?

- Ao contrário, Marcos. Teremos reforçada dentro de nós aquela chama da fé raciocinada, mais do que nunca acesa e ativa.

- Foi para isso que nós, os trabalhadores da última hora, fomos chamados?

- Perfeitamente, Marcos. Para preparar os primeiros séculos do terceiro milênio, quando deverá ocorrer o início de um progresso gradativo, mas crescente, tanto científico quanto moral.

- Foi devido a esse aspecto que você disse, há dias, trazermos, cada um de nós, a tarefa predeterminada, ao reencamarmos?

- De fato, amigo. É verdade. Ao nos atribuirmos os deveres de uma nova existência, já trazemos um programa a cumprir. Todos, sem distinção alguma. Com referência aos espíritos, porém, há tuna responsabilidade muito maior, ainda. Muitos de nós assumimos compromissos de tal importância que se nos fosse possível, momentaneamente e em sã consciência, deixar o invólucro de carne e as contingências físicas para um exame objetivo, talvez nos perdêssemos por vaidade, uma vez que somos tão frágeis nas nossas defesas íntimas!

- Em linhas gerais, que nos cabe fazer?

- Cabe-nos primeiramente um trabalho de saneamento espiritual e mental dos ambientes em que vivemos. Após essa limpeza, pretendemos fazer alastrar os

ensinamentos de ordem espiritual que auxiliarão os neófitos à aquisição da fé raciocinada de que necessitam para passar a agir, por sua vez, executando também a sua parte.

- Interessante.

- Depois desse primeiro item, a organização de novos grupos redentores estará ainda afeta a nós. Será como um mutirão. Após os pioneiros, surgirão outros para a soma dos esforços.

- Perfeito.

- Nossa obra será como um luzeiro de infinitas pontas. Uma vez iniciada sua propagação, já não mais se extinguirá. E virão os palestrantes que, aí, agirão.

- Veja o Divaldo Pereira Franco. Vai pelo mundo todo...

- Isso mesmo. Também as mensagens psicografadas que pontificarão como dardos a alvejarem os círculos do amor fraterno. E as luzes, que a princípio acenderam-se com dificuldades nos Centros Espíritas, passarão a reerguer criaturas e a transmitir alegria e entusiasmo.

- Bonito, Samuel. Faz-me tão bem ouvir suas exposições!

- E, a mim, faz-me muito bem abordar esses temas!

- Ah! Outra coisa sobre a qual eu queria sua opinião: que acontecerá se o "prazo" se esgotar antes de havermos executado nossas obrigações?

- Em que sentido emprega esse termo?

- Bom, para lhe dizer com franqueza, perturbei-me. Gostaria de que me falasse mais sobre isso... sobre todas as coisas... sobre a morte...

^ ' - Então, abordemos um assunto por vez: vejamos o problema do nosso desencarne. Em princípio, quanto mais nos esforçarmos para a realização de nossa tarefa espiritual, mais créditos conseguiremos.

- E se não a efetuarmos? Não há casos assim?

- De fato. Há os que se entregam a toda sorte de desvios, desperdiçando tempo e energias nas conquistas materiais, e se esquecem dos compromissos anteriormente assumidos.

- Compreendo. Limitam-se apenas a interesses imediatos.

- Sim. E por mais que os espíritos protetores se empenhem em lembrar-lhes os compromissos do espaço, eles não cedem, preocupados em amealhar tesouros.

- Como se fossem viver eternamente.

- Sim, como se a vida não fosse esse abrir e fechar de pálpebras.

- **Concordo. Como tudo tem passado tão depressa! Quando demos acordo de nós, a juventude havia terminado e a maturidade já preparava terreno para nossa velhice. E depois...**

- Calma, calma, meu caro. Somos relativamente novos, ainda.

- E, Samuel. Parece cómica, mas é a única ideia, essa, que não me faz brincar.

- Que ideia? A da morte?

- Sim, infelizmente.
- Sabe a que se deve essa fobia, amigo?
- Sei. À convicção de que terei um vasto Umbral à minha espera.
- Mesmo falando seriamente, ainda é divertido, Marcos.
- Por quê? Conhece o motivo desse medo?
- Claro. Deve-se à falta de amadurecimento seu dentro dos preceitos doutrinários. Melhor dizendo, falta de fé naquilo que nos ensina o Espiritismo.
- Acha, é?
- Evidentemente. Continue seus estudos, persevere na atividade especificamente evangelizadora e perceberá como termina fácil esse pavor, e como pode, sem tremores nem peias, traçar - tranquilamente, até - os trabalhos que desejará executar ao passar para a espiritualidade.
- Samuel, você é mesmo otimista. Como pode ter certeza de que, desencarnando, estaremos em condições especiais de permanecer em esferas menos grosseiras?
- Como ter certeza? Muito simples. Auto-analise-se e verifique em que condições conscienciais você se encontra. Se estiver satisfeito consigo mesmo, com a certeza do dever cumprido (no sentido moral), pode estar convicto de que continuará, do outro lado, com essa tranquilidade.
- Vai-se assim, então?
- Morremos como vivemos, Marcos.
- Nossa morte será como nossa vida?
- Não há como deixar de ser. Se não estivermos nós, que nos esforçamos por distribuir o Evangelho como norma de conduta a todos os necessitados, além de pautarmos por ele nossas ações, se não estivermos nós, repito, numa situação de paz quando desencarnarmos, quem poderá estar, Marcos? Pense bem.
- Tem razão, meu caro. O jeito é trabalhar mesmo.
- E depois, se porventura houver obras mais importantes a executar novamente no plano terrestre, quais os escolhidos?
- Certamente os que já possuem prática.
- Perfeitamente. Seremos também nós os indicados para novamente trilhar os caminhos antes percorridos, mas que, logicamente, se enriquecerão mediante nossa experiência anterior.
- Ah, sim. E essa experiência fica também gravada num caderninho de anotações que guardamos no bolso, não é?
- Não é num caderninho, mas no nosso próprio perispírito.
- Nossa! O Samuel! Pelo que vejo, conforme a idade e vivência de certas entidades, vai ser preciso um baú sobressalente, não acha?
- Deixe de brincadeiras, Marcos. Lembre-se de que, conforme a "voz do povo"...
- ...que também é a "voz de Deus"...

- ...o saber não ocupa lugar. No perispírito, há uma certa região, correspondente no nosso corpo físico ao cérebro, onde nossos conhecimentos e experiências são armazenados e permanecem gravados como uma conquista inalienável de nosso espírito.

- E por isso que certas criaturas vêm ao mundo com essa ou aquela tendência?

- Exato. E nós dizemos: Fulano tem talento para a pintura. Beltrano, para a música, e assim por diante.

- E há alguns "egoístas" que parecem haver arrebanhado todos os dons para si e apresentam facilidade para tudo.

- Estes, a quem você, jocosamente, apregoa de "egoístas", são os que já possuem uma bagagem muito grande, graças ao muito que se esforçaram e progrediram em jornadas anteriores.

- E que dizer daqueles que desperdiçaram suas encarnações passadas levando vida tranquila, numa "agradável ociosidade"?

- Antes de qualquer outra consideração, Marcos, por mais que o indivíduo possa esforçar-se para tal, não há vidas sossegadas, na acepção plena do termo. Ainda que haja dinheiro e posição social, ainda que sua saúde seja excelente, o ser humano encontra sempre algum obstáculo capaz de sustar essa desejada fruição total e alegre da existência.

- E de quem é a culpa?

- Não diga "culpa", Marcos, mas responsabilidade.

"Dele mesmo, de sua própria imperfeição. Não é porque o homem possua metade das propriedades do globo, que encerra dentro de si, equitativamente, metade das virtudes desse mesmo planeta."

- Tem razão.

- Assim sendo, pergunte a qualquer desses milionários se é feliz. Você nunca obterá resposta afirmativa, a menos que o interessado esteja mentindo a si próprio. Conhece aquela poesia de Raimundo Correia?

"Se a cólera que espuma, a dor que mora n'alma e destrói cada ilusão que nasce..."

- Conheço: "Tudo o que punge, tudo o que devora. O coração, no rosto se estampasse..."

- Como é linda e como reflete a verdade! Não acha?

- Mas... Samuel, perdoe-me a interrupção. Você me explicava sobre os entes que, ao contrário daqueles que muito se esforçam, despendem a vida num vazio estéril. Que lhes sucede com a morte?

- Nada de edificante. As coisas permanecem também no mesmo ritmo, debaixo do marasmo que apresentavam em vida, com o acréscimo de uma circunstância infeliz: ausência de luz.

- Coitados! Então é verdade mesmo? E essa a escuridão de que se ouve sempre falar?

- E lógico, uma vez que sua vista carnal se desintegrou, juntamente com o corpo físico. E como não houvessem adquirido por meio da espiritualização, que se consegue pela vida pautada no amor, no esforço de aperfeiçoar-se moralmente, como não houvessem adquirido luminosidade para seu corpo astral, permanecem numa escuridão cruel, até que, de tanto orar, e pela interferência de espíritos amigos condoídos daquele seu estado, conseguem receber socorro das falanges do espaço que se dedicam a esse trabalho.

- Quer dizer, Samuel, que a luz que o espírito enxerga é dele mesmo?

- Sim, meu caro. Com o avanço moral, o perispírito vai adquirindo uma transparência sutil, emitindo energia luminosa produzida pela alta vibração dessa matéria extremamente leve, de que se compõe.

- Por onde quer que passe, clareia tudo porque ele próprio é luminoso?

- Exatamente.

- O termo correto, então, não seria "ver" a luz mas "transportá-la", como se fosse uma fonte ambulante de energia luminosa?

- Sim, meu excelente aluno. Você aprende as lições com grande facilidade. Tal se passa com os Espíritos Superiores, que demonstram sua maior elevação, quanto mais radiosa for sua veste perispiritual.

- Então, se nos fosse possível "subir" pelo espaço afora, iríamos encontrando expressões espirituais do porte energético de verdadeiras estrelas e que brilhariam ao lado dos autênticos corpos celestes materiais?

- Sim, Marcos. Os corpos celestes, por sua vez, são povoados por pensamentos astrais, cuja única e incomensurável tarefa é a de emitir energia amorosa, e superior, juntamente com as energias físicas de luz e calor - de caráter material - que se desprendem dos corpos citados.

- Que lindo, Samuel!

- De fato, meu amigo. Só as mentalidades realmente muito chãs é que podem ser fechadas a essa beleza, inatingíveis por essa perfectibilidade assombrosa da Criação de Deus. Quanto mais se estuda, quanto mais se perscrutam os mistérios destes mundos componentes da família universal, mais se encontra convicção para a verdadeira fé, a fé raciocinada. Por isso, Marcos, não acredito em indivíduos verdadeiramente inteligentes e ateus. O ateísmo encerra uma dose imensa de ignorância ou de orgulho.

- Mas há filósofos ateus, Samuel.

- Sim. Nesse caso, devido à sua debilidade interior, à vaidade, à falta de equilíbrio que lhes permitiu uma sobrevalorização do próprio "eu", e, como consequência, de seu desconhecimento dos fundamentos da vida espiritual, devido a tudo quanto citei, tornam-se presas fáceis de forças obsessivas que lhes pressionam a mente, encaminhando-lhes os processos lógicos para falsos caminhos e conclusões errôneas.

- Esses que não acreditam em nada, ao morrer, também ficam em

trevas?

- Não propriamente em trevas, mas em estado perturbatório, isso sim, uma vez que suas próprias convicções na mortalidade da alma condicionam-lhe um estado que os impede de se perceberem "vivos" espiritualmente, apesar da morte física. Todavia, graças às suas conquistas em existências anteriores...

- Espere, Samuel. Você diz: conquistas?

- Sim, tanto no terreno da evolução intelectual quanto no da evolução moral, pois um indivíduo não se torna "grande" de um momento para outro. Contudo, num caso como esse, em que se efetuou uma estagnação evolutiva, deve-se convir que presenciamos mais um caso de razoável disparidade entre o desenvolvimento intelectual e o moral.

- Quer dizer que, se tal sucedeu, é porque ele possuía sua personalidade moral bastante falha?

- Exato, e que havia desenvolvido muito mais seu intelecto, que, aliás, é o que se desenvolve em primeiro lugar, mesmo.

- Compreendo. Então, essa temporária ausência de fé poderá ser considerada um ligeiro "estado de queda"?

- Perfeitamente.

- Continue seu pensamento, agora.

- Pois não. Graças, portanto, às suas aquisições em existências anteriores, que lhes propiciaram provavelmente um perispírito menos denso, esses filósofos poderão, com o auxílio de espíritos superiores e amigos, reencontrar-se e, após reexame de seus postulados terrenos, passar ao trabalho em caminhos redentores, readquirindo rapidamente sua posição de submissos ao Pai.

- Samuel, da maneira como explica tudo, sempre se percebe como fundamental a tônica da Misericórdia Divina.

- Sim, Marcos. Por mais que o ser se perturbe, perversa-se ou renegue a existência de seu Criador, sua penalidade é temporária. Ela, a criatura, nunca será banida definitivamente do coração de Deus, porque sempre lhe restará uma porta para sua regeneração, uma trilha difícil, porém, não impossível. Até mesmo o espírito mais cruel, aquele que se tornou um batalhador contra o bem, o que se compraz em dirigir falanges de criminosos do espaço, ainda que em autêntico estado de queda, até esse terá, quando resolver voltar ao seio do Pai, oportunidade para tal.

- Mas de que modo, Samuel?

- Tem razão de se perturbar com essa afirmação, amigo, porém, atente para o fato fundamental de que esse infeliz é tanto quanto nós, também, um ente criado por nosso Senhor. Lembre-se da parábola do filho pródigo.

- É difícil aceitá-lo.

- É claro que, se resolve voltar aos caminhos do bem, terá uma longa caminhada a realizar, com provações e dores cármicas, meu caro, porque as leis

têm de ser cumpridas. E serão também incontáveis as reencarnações a que esse infeliz terá que se submeter, a fim de ir, gradativamente, ressarciendo-se de suas façanhas de crueldade.

- Escute. Não disseram que vamos ter uma grande transformação no mundo e que maus elementos serão banidos?

' - Sim, foi bom que o lembrasse, para melhor equacionarmos o assunto. De fato, Marcos, a ovelha desgarrada, por mais denegrada que se tenha tomado, sempre achará sua trilha perdida para voltar ao aprisco. Entretanto, numa conjuntura próxima, esses elementos degenerados, provavelmente, terão dificuldade de permanecer neste planeta, se a vibração da- Terra se tomar sutil.

"Os meios pelos quais isso irá acontecer não são conhecidos, nem Kardec entrou em detalhes. De qualquer forma, há muita especulação em torno do assunto.

"Por motivos óbvios, o Plano Superior não dá pormenores dessa transformação e nem possui ordens especiais do 'alto', para isso."

- Uma revelação catastrófica geraria um grande pânico, não acha?

- E além do pânico, daria margem a uma grande perturbação, também, Marcos.

- E, Samuel. E preciso ter olhos para perceber em tudo a incomensurável Sabedoria Divina.

- Justamente. Só nos resta cultivar a fé por meio do trabalho, esperando, tranquilos, a hora em que seremos chamados para dar nosso testemunho de esperança na grande aventura da vida.

Capítulo 9 APRENDIZADO CELESTE

"Não oos enganeis, meus amados irmãos... e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai..."
(Tiago, **1:16-17**)

- Estive imaginando que as coisas que nos acontecem não são propriamente adequadas ao nosso exercício consciente do livre-arbítrio, heim, Samuel?

- Por que, Marcos?

- Pois não vê, a cada instante, uma espécie de violência do ser no tocante a obrigá-lo a agir de uma tal maneira (muitas vezes errada), quando seu coração lhe pedia outro raminho?

- Explique-se. Não o entendo, ainda.

- Dou-lhe um exemplo. Se devo executar um bom trabalho, revisto-me de toda cautela, aproprio-me dos instrumentos necessários, esforço-me para não me esquecer de nenhum dos detalhes, enfim, tomo todos os cuidados necessários para o fiel desempenho daquilo a que me proponho. Inicio a obra...

- Continue.

- Vou de vento em popa...

-Edaí?

- Até que um obstáculo me surge à frente.

- Qual, por exemplo?

- **Qualquer** um, mas geralmente motivado pela **incompreensão** humana.

- Isso é comum.

- Pois é. Entretanto, não é justo. Há pessoas que nada têm com nossas realizações, mas vêm acintosamente derramar sua incompreensão sobre nós, obrigando-nos a suspender nosso trabalho até então eficaz ou, em casos menos graves, fazer-nos dar voltas extensas para contornar uma aparente dificuldade...

-Já sei: que não existiriam...

- ...se não houvesse tantos intrójetos, tanta gente mal-intencionada no mundo.

- Contudo, não os queira mal, amigo. Provavelmente assim não agiriam se tivessem conhecimento preciso do quanto prejudicam a harmonia da vida com essa atitude de má vontade. Além do que, a permanência deles no interior deste planeta como participantes ativos da experiência existencial vem ao encontro de uma necessidade que lhes é afeta, qual seja...

- A de progredir?

- Perfeitamente. E onde você espera que eles possam praticar esse aprendizado senão em contato com atividades sadias?

- Ah, começo a compreender.

- Portanto, se o Pai os colocar apartados numa espécie de campo de concentração vivencial, somente em contágio com os de sua categoria, como poderão colher os exemplos superiores e dignos de um agir elevado?

- Então, é isso?

- Claro, amigo. E atente mais para esse detalhe: a Sabedoria Divina é de tal ordem irreprochável que, a nós, também nos traz proveito esse contato com seres de formação ainda grosseira, pois nos propicia oportunidades ímpares de controle, renúncia, compreensão e paciência.

- Força-nos à caridade, em suma.

- Exato. Compreende, então, por que devemos externar graças ao Criador por situações aparentemente difíceis e também por esses obstáculos? E cabe a você mesmo o domínio dos embaraços, o que lhe exigirá diplomacia e habilidade.

- É desse modo, Samuel, que o grande aprendizado do planeta se faz?

- Sim. Principalmente quanto à questão que trata do nosso comportamento perante a vida. Lembra-se de quando Jesus ensinava que não tinha vindo trazer paz à Terra, mas a espada?

- Sim.

- De certa forma, pode ser que se referisse também a essa pendência de que tratamos. Todos temos de efetuar nossos deveres e programas, aquilo para o que viemos ter ao mundo. Todavia, nossas vitórias ou nosso esforço simplesmente

mexem com muitos de nossos irmãos.

- Inveja, Samuel?
- Também, meu caro.
- E aí, é a hora em que precisamos manejar nossa espada?
- Sim. Mas não para agredir, como os outros, mas para defender-nos tanto quanto nos seja possível fazê-lo, sem transgredir as Leis Maiores. Porque, se ao defender-nos deixamos que haja também crueldade de nossa parte, está claro que sofreremos.
- Com dores de consciência?
- Pois claro, Marcos. Dessa conjuntura não conseguimos escapar. Por isso é que dizemos: viver é fácil, mas saber viver é que é o problema.
- E o mais difícil, nesse contato por vezes conflitante que somos levados a manter com nossos irmãos, é que recebemos um contingente vibratório que nos põe por terra. Ficamos temporariamente obsidiados, rememorando os detalhes um a um e sofrendo novamente a cada lance do acontecido.
- Tal se dá comigo. Fico o dia todo pensando, com raiva de meu antagonista, desesperado para tirar uma desforrazinha.
- Todos temos reações deprimentes, após esses choques infelizes com os semelhantes. Se conseguimos o domínio da situação, por meio da calma, da ponderação, envolvendo nosso opositor em vibrações de compreensão e de luz, saímos-nos relativamente bem e, a não ser uma certa sensação vaga de tristeza por não termos conseguido evitar o ocorrido, nada mais nos apoquentam.
- Todavia?...
- Se acontece de havermos reagido violentamente à agressão do outro, meu caro, se sucumbimos às ciladas do mal, deixando-nos envolver em suas redes vibratórias pesadas, então podemos preparar-nos para muitas horas (ou até vários dias) de peso obsessivo que fatalmente acabarão por nos prostrar doentes.
- Vejo que diz certo. Já o tenho experimentado.
- Compreendendo essas verdades, já não nos será tão difícil abster-nos de situações insustentáveis como tantas armadas pela ignorância e brutalidade dos seres. Se cada encarnado soubesse que, atrás de si, como um rastro imperecível, deixa suas ações traduzidas em luzes ou sombras...
- Que, por sua vez, vão puxando as formas vibratórias afins, por onde quer que passem...
- Ótimo. Isso você já aprendeu!
- Sou um aluno exemplar, não se esqueça.
- Como bem disse, esse rastro é como uma cauda de foguete que deixa marcado o espaço espiritual, depois de nossa passagem. Imaginou já o peso que necessitaremos puxar, no final de cada etapa vital, se não nos conseguirmos controlar? Se formos somando, umas às outras, as reações desastrosas e malévolas perpetradas em momentos de desequilíbrio?

- E por isso que o planeta se encontra no estado em que o vemos, não?
- Quase irrespirável. Perfeitamente, Marcos. Eis o motivo pelo qual devemos pedir orientação segura aos planos superiores, por meio de nossas preces, para que, na maioria das situações, saibamos operar corretamente, dando testemunho aos outros, aos que nada sabem, de nossos costumes sadios e cristãos.
- Por que disse: "na maioria das situações"?
- Porque haverá casos em que nosso grau evolutivo não será ainda suficiente para uma solução satisfatória.
- Nessa conjuntura, não teremos tanta responsabilidade quanto àquilo que fizermos.
- Claro, nossa ignorância também será levada em consideração. E por isso que se faz indispensável a prece. Para que a volta dessa investida desequilibradora não se faça com tanta violência sobre nós. Sabe, à medida que depuramos nosso perispírito, quanto mais o tomamos um corpo eterizado e leve, mais frágeis nos fazemos em termos de sensibilidade.
- De que modo?
- Aquilo que a um homem ainda embrutecido mal lhe chamaria a atenção, a nós, provoca-nos grande sofrimento.
- Sim?
- Dar-lhe-ei um exemplo. Para alguém grosseiro e primitivo, assistir a um atropelamento ou a um assassinato (que são expressões indescritíveis de agressividade) poderá nada significar. Não perderá a fome...
- Nem o sono.
- No entanto, se um de nós presenciar um ato simples de desprezo de algum poderoso por um entezinho humilde, isso poderá trazer reações bem mais penosas, obrigando-nos a tentar diminuir esse ultraje com nossa atitude solícita e amorosa para com a vítima.
- Entendi.
- Ao dizer que não somos grandemente responsabilizados nos planos espirituais por atuações para cuja efetivação prescindíamos de grau moral elevado, não quis afirmar que não sofremos, e às vezes cruelmente, pela volta do dardo lançado num instante de invigilância.
- E por meio de orações...
- Recebemos uma proteção, um escudo invisível, de magnetismo superior, que nos livra de grande parte desse retorno.
- E por que os espíritos procedem assim?
- Porque a nenhum ser bem-intencionado é negativa a resposta do Senhor.
- Que fazemos para aprender, então?
- Surgem ocasiões propícias ao aprendizado.
- Como se dá isso?
- De duas maneiras: ou os amigos que nos acompanham aproveitam os inúmeros

acontecimentos corriqueiros de nosso dia-a-dia...

- Ou?...

- Ou eles próprios...

- "Eles" quem? Os espíritos?

- Sim. Ou os companheiros invisíveis (e isso quando o encarnado já está em processo de rápido desenvolvimento moral, até mesmo a serviço efetivo na Seara do Mestre).

- Ah, sim?

- Nesse caso, como dizia, os Espíritos Superiores armam, como num complicado jogo de quebra-cabeças, certas situações para forçar o indivíduo em questão a determinadas reações que podem promover-lhe importantes ensinamentos.

- E se a pessoa sucumbe?

- Nessas horas, os espíritos lhe insuflam ânimo ministrando-lhe ainda passes magnéticos de energia superior.

- Maravilhoso! Então... então... Eureka, Samuel Descobri!

- O que, meu caro?

- Agora já sei por que há pessoas boníssimas que se nos apresentam perseguidas pela adversidade a ponto de, aos observadores, encarnarem o protótipo do infeliz que nasceu marcado pela desgraça.

- Calma, calma. Vamos devagar, Marcos. Há duas faces nessa história.

- Que faces?

- Duas interpretações. Digo-lhe melhor: podemos explicar, por essa sua análise, que há dois fenômenos distintos. Você verificou que há criaturas muito boas marcadas por uma vida de infortúnios.

- Não é mesmo?

- Realmente. Quanto à explicação, meu amigo, não podemos ser unilaterais. A mais concludente e lógica será a de que o encarnado, de posse de conquistas anteriores, devidamente conhecedor das necessidades de reajuste para trabalho mais eficiente no futuro, haja escolhido, propositadamente, uma existência muito penosa, a fim de realizar, numa só etapa, a evolução para a qual necessitaria muitas encarnações.

"Outra - e, então, posso dar-lhe razão - poderá ser um aprendizado inadiável a que se submeta a boa criatura, norteadas, que talvez esteja, pelos mesmos motivos do protagonista do primeiro caso. Sempre presente, não nos esqueçamos, a tônica perpétua da subida evolutiva e redentora."

- Assim, nossas transformações vão sendo feitas, na maioria das vezes, graças à intervenção dos planos elevados?

- Sim, desde que o encarnado o mereça por sua vontade, por seu esforço sempre crescente, dirigido a um ideal de purificação espiritual.

- E os malandros? Como eu, por exemplo?

- Como você? Serão auxiliados, está claro. Mas, em se tratando de infelizes como os que encontramos de vez em quando...

- Samuel: não diga "de vez em quando", porém, "de vez em sempre".

- É concludente, heim? Certo, esses, então, acredito que estejam abandonados à própria sorte.

- Ah, sim? Pensei que o Pai jamais os abandonasse.

- Em termos, meu caro, em termos. É um desamparo temporário, como será fácil de se notar, e por sua própria responsabilidade. Lembra-se da explicação que lhe foi dada, certa vez, com referência à vibração pesada?

- Lembro-me. Você falou numa caixa intransponível.

- Isso. É evidente que usei de uma linguagem conotativa e essa caixa não existe. Entretanto, de tal forma o indivíduo que se perde no mal envolve-se em vibrações negativas que, a circundá-lo, erguem-se como verdadeiro muro de granito (resultado de transformações de pensamentos e atos deletérios), impedindo uma eventual intervenção benéfica, da parte de protetores invisíveis.

. - - Que faz nosso anjo da guarda, ao verificar nosso estado?

- Afasta-se, entristecido mas não desesperançado, uma vez que conhece todos os trâmites comuns e corriqueiros do trabalho assistencial. Saiba, meu caro Marcos, que isso é rotina. Do outro lado, é sempre muito fácil encontrarmos espíritos-guardiães exercendo outras atividades, enquanto seus protegidos, aqui no palco de suas andanças, desperdiçam os dons preciosos da encarnação entre desatinos e maldades.

- Que fazem os protetores espirituais desses "alunos" relapsos, então?

- Nesse ínterim, aproveitam seu tempo valioso (já que entidades de certa categoria jamais se conservam inativas) frequentemente auxiliando o aperfeiçoamento daqueles outros que demonstram merecê-lo, por sua dedicação consciente na senda evolutiva.

- E nessa nova tarefa, submetem-se à programação do espírito-guia do encarnado em questão?

- Sim. Na Espiritualidade Maior, a humildade é uma constante. Têm os seus componentes a satisfação máxima de poder servir sob a direção de outra criatura que lhes seja superior, na mais completa harmonia. E o trabalho se faz alegre e com tanto amor, que tudo se entrosa com perfeição, a ponto de se ouvir de maneira difícil de acreditar (em especial para os recém-desencarnados que não sabem ainda do que se trata) uma celestial melodia, enquanto se realizam as tarefas.

- Mas isso é prodigioso, Samuel! Então essa melodia é ouvida por todos?

- Alto lá! Por todos que estejam sintonizados dentro daquela faixa elevada.

- E de onde vem?

- Deduz-se que seja produto da comunhão perfeita de vontade e pensamento.

- Que maravilha se houvesse isso cá na Terra.

- Paciência, meu caro. Nestas paragens, o labor é ainda considerado como um castigo. As pessoas não amam o que fazem e, mesmo que apreciem o ramo escolhido, jamais encontram nos seus ambientes de serviço aquele clima harmonioso que poderia levá-las à euforia e aos estados de amorosidade.

- Estava pensando em algo parecido com o que me conta.

- De que se trata?

- Dos cantos de trabalho. Não há zonas, no planeta, em que se adotam tais práticas?

- De fato. Acredito que, insufladas pelas sadias inspirações da espiritualidade, busquem, no simulacro ainda muito imperfeito, é evidente, e com os recursos de que dispõem, uma realização aproximada de modelo original e belo.

- Contudo, Samuel, volto a falar do nosso aprendizado. E nós? Chegamos a perceber as manobras dos amigos invisíveis empenhados no ensino?

- Nem sempre. Aliás, Marcos, a sapiência desses maravilhosos companheiros etéreos é tal que, às vezes, num incidente apenas identificável por nós como acontecimento corriqueiro, está escondida uma grande lição. Já pensou, então, se fôssemos captar com clareza todos esses detalhes, como seria impraticável a nossa "escolarização" ?

- Ah, creio que nada se conseguiria. Ficaríamos com as antenas ligadas, esperando a próxima estática, não é?

- O que nos faria, também, com frequência, descobrir no ruído a própria mensagem...

- ...o que é absurdo...

- Pelo menos, em termos de comunicação.

- Compreendo. Porém, algumas vezes, isso poderá efetuar-se, não?

- O quê?

- A identificação de tais impulsos redentores.

- Poderá. No entanto, em geral, será isso facultado aos encarnados bastante evoluídos, em especial no que se refere a conhecimentos doutrinários. A estes sim, será possibilitada interpretação aproximada dos fatos, não só pelo reconhecimento intuitivo devidamente alicerçado em estudos anteriores, quanto, principalmente, pelos adendos explicativos que lhes serão transmitidos inspirativamente pelos próprios instrutores. Há casos de mediunidades avançadas (no caso de artistas, por exemplo) em que as ideias superiores espelhadas no cosmo são apreendidas de maneira quase total pelos encarnados.

- São casos mais raros?

- Por certo, pois exigem todo um complexo de conquistas e situações.

- Por exemplo?

- Categoria espiritual, primordialmente, conseguida em vidas anteriores. Trabalho incessante na trilha do progresso interior, condições orgânicas específicas para o exercício mediúnico e uma dose de vivência espiritual e moral

muito grande, que lhes possa trazer total domínio de si mesmos e, consequentemente, o equilíbrio indispensável.

- Estes, então, além de trazerem das altas esferas as inspirações superiores, estarão mais do que credenciados a estudar e analisar cada um dos passos dados pelo mundo invisível no seu processo de redentorização?

- Melhor e com maiores detalhes do que qualquer mortal.

- Pudera, Samuel. Com um senhor "currículo" desses...

- Cada qual tem o seu, Marcos. Não nos esqueçamos de que nossa vida é elástica e que, enquanto uns a encompridam por objetivos menos dignos, outros a encurtam por realizações superiores e fazem mais rápida ascensão..

- Samuel, que faria você se desejasse, como espírito, encaminhar progressivamente sua jornada?

- De que maneira, Marcos?

- Vamos supor que seja duplo. Está vivo, ocupa um corpo na Terra, porém é espírito protetor desse mesmo corpo e alma encarnada. Que medidas principiaria por tomar a fim de endereçar seu pupilo às situações cor- regedoras?

- Bem, amigo. É bastante difícil chegar a uma análise completa e minuciosa de nossas próprias imperfeições, como bem o sabe. Para fazer o que me sugere, teria que **haver** não um "eu + eu", porém, um "eu + outro".

- Ah, mas o plano espiritual manda-nos sempre procurar enxergar nossos próprios defeitos.

- Está certo, no entanto, como atitude básica de **humildade**, para nos prevenirmos contra uma auto- **satisfação plena**, até narcisística, que nos levaria a **considerar-nos** o "supra-sumo" da criação do Eterno.

- E difícil, não?

- Se encararmos o fato com drasticidade, esperando um vasculhamento total com as consequentes descobertas, podemos dizer que é impossível.

- Deveras?

- Mesmo porque, isso não seria viável numa so etapa. Veja bem, amigo: se fosse possível descobrir todos os pontos negativos relacionando numa lista tudo quanto deveria ser feito para nosso aperfeiçoamento, não estaríamos esgotando o assunto e esboçando um esquema de ser perfeito?

- Certo, certo. Bom raciocínio, este!

- Como percebe, tal conjuntura, para nós, imperfeitos, seria impossível, porque seres imperfeitos não podem ter conhecimento de todos os caracteres do ser perfeito. Seria paradoxal.

- Muito bem, Samuel. Você é mesmo um "bicho" nesses assuntos.

- Muito mais "bicho" do que gente, Marcos. Você diz sempre a palavra certa, na hora exata.

"Como afirmava, pois, uma tal análise sob responsabilidade de atingir as últimas conseqüências, seria impossível. Todavia, e é sempre sob esse aspecto que se

opera nossa transformação, o processo realiza-se passo a passo, com as gradações típicas e inerentes à fragilidade do ser humano."

- Entendo. Depois de vencida uma etapa...
- Dá-se uma arrancada à frente, fazendo nova auto- observação, buscando o próximo objetivo, aquele que mais nos chama a atenção por sua urgência, pela necessidade de extirpação.
- Tal qual órgão doente, entrevando o bom funcionamento do organismo inteiro, não?
- Isso. E tal evolução trará, por si mesma, novas fases. Se, meses atrás, não conseguíamos enxergar determinada imperfeição, atualmente nossa experiência já nos permite localizá-la para a corrigenda. E outras facetas, desconhecidas por nós hoje, fatahmente nos serão mostradas dentro de alguns meses ou nos anos vindouros.
- Ou nas próximas encarnações?
- Também.
- É linda essa análise, Samuel. Dá-nos certeza, cada vez mais, de que estamos em muito boas mãos.
- Não há dúvida quanto a isso, Marcos. De fato, estamos em mãos divinas.

Capítulo 10 ESPÍRITA: MEDIADOR DA PAZ

*"Somos imensa caravana de seres em evolução a caminho de esferas mais altas.
"*

André Luiz

- Já é tarde, Samuel, fiquei muito tempo no escritório, mas não resisti à tentação de uma prosinha, antes de ir para casa dormir. Está disposto?
- Perfeitamente, Marcos. Já me perguntava sobre as possíveis causas de sua demora. Sabe o quanto me agrada sua presença.
- É recíproco, é recíproco. Sabe sobre o que eu desejaria ouvi-lo falar?
- É você quem manda.
- Sobre a missão do espírita no mundo atual.
- Não conversamos já sobre esse assunto?
- Sun, mas você deixou em suspenso, ou, pelo menos, pareceu-me incompleta a explicação que me deu. Qual o nosso objetivo afinal de contas?
- Trabalhar pela implantação da paz no mundo.
- Meu Deus, mas que podemos nós fazer, meia dúzia de bem-intencionados, para influenciar esse oceano de criaturas a deixar de lado as guerras e agir fraternalmente, Samuel?
- Muito, meu amigo. Podemos fazer muito. Além disso, não somos tão

poucos, assim como diz. O Espiritismo expande-se pelo mundo todo, graças a Deus, e é como um raio de esperança. Onde quer que se instale um núcleo espírita, este funciona como dínamo a produzir energias novas e a imantar os corações de alegria.

- E quando diz "núcleo", refere-se a Centros Espíritas e associações?
- Poderá ser também uma só pessoa, desde que com bastante consciência de seus deveres e muito equilibrada.

- E como dizia...

- Nosso objetivo é realmente o de implantar a paz. Está claro que agiremos inteligente e racionalmente, usando o método indutivo: das partes iremos ao todo.

- Pode me fornecer pormenores?

- Já lhe afirmei que nossa tarefa básica é a do saneamento dos ambientes.

- Certo.

- Todos nós, como elementos equilibrados que devemos ser...

- Pelo menos temos obrigação...

- Vamos nos constituir em pontos de apoio para os Espíritos Superiores, a fim de que possam agir na distribuição de fluidos benéficos e amorosos a todos os componentes dos locais em que nos encontrarmos.

- E como será essa ação do mundo espiritual, Samuel?

- Tentarei explicar. Não é tão complicado assim. Se for um indivíduo bem-intencionado, com bom equilíbrio e conhecimento dos fenômenos espirituais, funcionará simbolicamente como um aeroporto, onde aterrissarão as naves da Espiritualidade Maior. Perdoe-me que a figura, literalmente, não está lá essas coisas, porém, dará uma ideia mais ou menos precisa do mecanismo a que me refiro. Suponhamos que trabalhe numa repartição qualquer, num grande escritório ou numa fábrica imensa, tendo em seu departamento outros 30 ou 40 funcionários.

"Entre chefes e subalternos, provavelmente, já estarão estabelecidos laços vibratórios profundamente deprimentes, frutos de um amálgama de todas as vibrações individuais, geralmente deficitárias, mais a nuvem de obsessores atraídos pela faixa pesada em que sintonizam com tanta facilidade."

- Ah, compreendo. E tudo isso como consequência das invejas, dos falatórios, das desforrazinhas e outras ações infelizmente de presença constante e eterna nesses locais.

- Em suma: o ambiente é tenebroso, mas, entre os inúmeros corpos opacos que ali se encontram mergulhados, aparece, como que ilhado, um bem mais claro, e que não está envolvido pela nuvem de espíritos infelizes que se agarram a todos os outros.

- Já sei: esse mais claro é o mais bonzinho. Sou eu!

- Sim. Você é o único capacitado a receber as intuições sadias dos espíritos luminosos. Assim, aos poucos, por meio de atos corretos, de palavras — a conversação é importantíssima também! — e, principalmente, por meio do

pensamento, pela emissão de vibrações amorosas, insuflando paz sobre todos os colegas, o espírita equilibrado, transformado em porta-voz de esferas elevadas, vai transmitindo medicamentos e reforços morais a todos os participantes dessa pequena coletividade.

- E dá resultado, Samuel?

- E evidente que dá! Tem havido casos de locais muito desprestigiados haverem recobrado seu equilíbrio com a permanência lá, durante certo tempo, de apenas um trabalhador da Seara do Mestre.

- Que maravilha!

- E também tem havido casos de pessoas para quem tudo parecia ir de roldão, até se aproximarem, pelo trabalho, de um espírita.

- Deveras?

- Sim.

- De tal forma, as pessoas participantes de um ambiente desses, em que se efetuou uma limpeza evangélica considerável e que, de fato, acabaram reconhecendo o trabalho positivo e benéfico conseguido, por sua vez, passarão a funcionar como novos "campus" propícios à ação edificante desses amigos espirituais.

- Por que haverão de fazê-lo?

- Primeiro, porque se tornaram receptivos ao obrar aparentemente invisível no plano espiritual, mas que aparece objetivamente, como consequência do reequilíbrio, num estado geral de tranquilidade e paz...

- E como é que podem realizá-lo sem haverem feito cursos, etc?

- E, segundo - esta seria a conclusão de meu pensamento e que também responde à sua questão -, porque aprenderam a captar e transmitir as intuições otimistas que recebem do lado oposto. Aprenderam por indução, aprenderam - podemos dizer - intuitivamente.

- Caiu-lhes do céu!

- Pode também interpretá-lo assim.

- Mas quem abriu o caminho para essa revelação benéfica foi?...

- O primeiro espírita, colocado ali como um bom exemplo, e um sólido edificador.

- Entendi. Depois, deve ter esclarecido também, doutrinariamente, esses outros que se tornaram, sem o saber, seus auxiliares.

- Como não? Por meio de conversas bem dirigidas, o nosso desbravador deverá ter gradativamente preparado os companheiros para a tarefa que irão executar depois, por conta própria.

- Esse "por conta própria" significa sem auxílio do instrutor, mas sob a orientação de forças invisíveis, não é?

- Perfeitamente.

-Samuel, e que me diz da verdadeira luta que há nos lares? Às vezes, nota-se

pior ambiente no seio das famílias do que, comparativamente, nos locais de trabalho.

- Infelizmente, você diz a verdade, meu amigo. Mas também essa ação regeneradora será levada aos lares desses indivíduos em questão.

- Esses mesmos que foram já atingidos positivamente pelo saneamento de que você falou?

- Sim.

- Levarão as medidas beneficiadoras para casa?

- Isso mesmo. Transportarão, inconscientemente, para o lar, aquela tranquilidade e a alegria que conseguiram no seu ambiente de trabalho.

- E é assim que se conseguirá a paz?

- Por que não? Será dessa maneira gradativa, paciente, serena, que todos nós, seres de boa vontade, trabalhadores encarnados e desencarnados da Seara Cristã, pretendemos alcançar a paz para o mundo. Além disso, ainda há o outro recurso, enorme e infalível, que fará o caminho em sentido inverso.

- Qual?

- Já sabe de qual se trata. Porém, deixe para falarmos nele um pouco adiante.

- Pois não, aguardarei.

- Percebeu como os lares já não se entrosam? Há muitos lares que não parecem mais uma família, inteiramente constituída, isto é, com todos os seus membros gozando de equilíbrio perfeito. Notou como esses infelizes núcleos agora se assemelham a pequenos campos de batalha, diminutas arenas onde se digladiam como feras justamente as criaturas que mais se deveriam amar? Ao passarmos pelas calçadas, já podemos ouvir a gritaria. Ninguém mais fala baixo, com tranquilidade.

- Ninguém mais se respeita, Samuel. Um dos sintomas desse desrespeito ao próximo é a poluição sonora que aumenta juntamente com essa irresponsabilidade dos indivíduos.

- E diante dessa situação, meu amigo, como imagina que estejam as nossas auras?

- Creio que não estão como deveriam estar, isto é, claras, demonstrando elevação de sentimentos, pureza de intenções.

- Isso mesmo, Marcos. A menos que tenhamos um cuidado muito grande, policiando nossos pensamentos a todo instante, recolheremos, sem nos darmos conta disso, um número incontável de espíritos inferiores que aderirão ao nosso campo mental, como se fossem náufragos diante de uma tábua salvadora.

- Estaremos transformados em hospedeiros de monstros?

- Com grande probabilidade, e sem o percebermos, a não ser que tenhamos um certo conhecimento das coisas da espiritualidade.

- Então, em torno de cada uma dessas criaturas, há uma verdadeira penca

de sofrendores, sugando-lhe as energias?

- É evidente que o fazem, se as pessoas não se previnem.
- E por esse motivo que todo mundo anda tão exausto?
- É bem provável que essa seja uma das causas.
- Imagino como nosso planeta deva apresentar um aspecto estarrecedor aos que têm acesso à visão espiritual.
- Pois é para melhorar esse estado de coisas que a Doutrina se esforça, sobremaneira, na disseminação do uso do Evangelho nos lares, com função normativa, a fim de ir fazendo a limpeza dos "pequenos campos de batalha".
- E esse o recurso enorme e infalível, não é?
- Não há dúvida, Marcos. Quando, por meio do conhecimento e da meditação das lições expressas nos textos sagrados, o cidadão for conseguindo paz em seu lar, feliz com a solução encontrada, irá transmitindo, por sua vez, em seu ambiente de trabalho, a sua mensagem de esperança.
- Aí, utilizar-se-á o recurso no sentido inverso, não é?
- Perfeitamente. Note que organização maravilhosa prepara o plano espiritual, em coordenação com o trabalho dos encarnados!
- Espíritas, todos eles?
- Não obrigatoriamente. Todavia, cristãos e de boa vontade, o que, a rigor, vai tomando uma feição espiritualista por excelência. Como poderão - mesmo os que negam a sobrevivência e independência existencial da alma - negar a influência decisiva e a tarefa que se realiza no outro lado?
- Tem razão. O espírita, no entanto, é o mais indicado, não é mesmo?
- Sim, porque já está devidamente conscientizado. Contudo, não nos desviemos de nosso tema. Voltemos a ele. Falávamos que o Evangelho nos lares efetuará a tarefa de saneamento em sentido contrário ao já antevisto por nós e cuja ação se expandirá nos ambientes de serviço e recreação.
- Você disse que o cidadão, encontrando paz no seu lar, transmitirá esse "status" aos frequentadores de sua oficina ou de seu escritório?
- Perfeitamente. E nem precisará esforçar-se por essa transmissão de otimismo.
- Não? Por quê?
- Sua própria tranquilidade, sua atuação mais correta na execução dos deveres, seu sorriso complacente e purificado, o bom humor com que passará a receber as pequenas agressões verbais dos companheiros...
- Coisa grosseira, não?
- Pois é... e tão em uso, agora... como dizia, o bom humor com que receberá a agressividade alheia a que dará o devido desconto, tudo isso fará dele, aos olhos dos outros colegas, um ser renovado, em que se notará algo diferente. Instado para o esclarecimento devido, não esconderá sua fé na renovação provocada pelo cultivo do amor, o que propiciará aos outros uma fonte inesgotável de estímulos.

- E assim você imagina que se conseguirá realmente a pacificação do mundo?

- Não poderá ser de outra maneira. Nada se constrói que não seja iniciando-se pelo alicerce. O mais difícil é, sempre, vencer a nós mesmos. E de que maneira exercitar e reforçar esse domínio de nossas imperfeições se não dentro de nossos lares? Em contato muitas vezes com desafetos do passado, que a Misericórdia Divina nos trouxe sob laços sanguíneos para a lição bendita do amor? Então, em convivência com a irmãzinha doente ou com o pai entredado, talvez com a pobre mãe neurótica e infeliz, encontraremos as exatas situações necessitadas de solução, que nossa negligência (o mais das vezes nossa ignorância) permitiu deixar em suspenso nas encarnações anteriores.

"E isso não será, por acaso, uma batalha 'sui generis'? E cada vez que conseguirmos vencer as dificuldades de ordem afetiva, não estaremos, porventura, avançando no território a conquistar? E que território será esse, em que nos será permitido plantar nossa bandeira? Nenhum outro que não seja o do perdão, o da paciência, o da renúncia, o da humanidade, em suma, o do amor."

- Com efeito, Samuel. Nosso processo de aperfeiçoamento resume-se, realmente, numa guerra intensíssima, porém, abençoada por Deus.

- Exato, Marcos, mesmo porque é uma batalha interior, contra nós próprios, naquilo que possuímos de negativo e ainda de inferioridade.

"O que não se admite é a luta que sai de dentro de nós para atingir o próximo."

- Ah, bem. Isso já é crime.

- E, entretanto, é o que se usa cometer neste mundo de infelizes. Onde o indivíduo pensa que vencer na vida é vencer os outros. E galgar posições mais altas que seus colegas, é arrumar melhor ambiente de trabalho que seu companheiro, é ganhar salário mais alto que seu irmão. E o pior é que, ao raciocinar desta forma...

- Um momentinho só, amigo. Até esse ponto, ainda é admissível, não?

- Perfeitamente, Marcos, eu ia fazer mesmo a ressalva. E admissível, uma vez que a concorrência, em termos sociais de progresso, torna-se até necessária.

"O problema é que, raciocinando dessa forma, o cidadão costuma deduzir, então, que, para atingir esses objetivos, serão utilizáveis todos os meios. Aí, passa a usar de atos injustos, ilícitos à vista da Justiça Divina e até cruéis, muitos deles. E a hora em que lança a mancheias ao seu redor o desequilíbrio que, cedo ou tarde, terá de recolher. É o momento do esconde-esconde, da falcatrua, da maledicência, da inveja, do falso testemunho, da calúnia."

- Mas... que quer, Samuel? É terrível, mas, se não agirem sob essas condições, provavelmente jamais subirão.

- Que não subam, então, meu caro! E preciso aprender que essa pretensa ascensão nada significa em termos reais. E fictícia! E terrena e, portanto, material, passível de ser retirada pelo Pai a qualquer instante.

"Que não subam, pois, que aprendam a conservar sua posição humilde, mas que

possam manter-se em paz consigo mesmos e com Deus.

"E foi muito bom, Marcos, que você me abordasse essa possibilidade, porque me lembrei de algo importante."

- De que se trata?

- De nossa conscientização.

- O quê?

- Já lhe explico. Quando nos confessamos espíritas, assumimos perante Deus, com nós próprios e com a sociedade - melhor seria dizer humanidade -, uma grave responsabilidade: a de sermos coerentes com os princípios abraçados até o fim de nossa existência carnal.

- Espera aí. E a vida espiritual, que também existe? Por que você diz: até o fim da existência carnal?

- Bem, não me referi a ela porque, realmente, as tentações se encontram do lado de cá, é evidente.

- Desculpe-me, Samuel. Continue.

- Sendo assim, nada nos deve toldar o programa que traçamos para nós e nossa família no tocante à conduta moral.

"Se ao nosso redor tudo e todos sucumbem, levados de roldão pela avalanche das conveniências, dos desmandos, dos desajustes, nada deverá influir, por sua vez, sobre a nossa maneira de ser, desviando-nos da linha traçada. Ainda que passemos certas dificuldades de ordem material, ainda que não recebamos da sociedade vigente as honrarias que habitualmente conferem aos vitoriosos financeiramente, ainda que as ilusões nos acenem de longe, com oferecimentos sedutores aos quais quase não conseguimos resistir devido à nossa condição de seres imperfeitos, ainda assim deveremos buscar, nos planos superiores, as forças que nos faltam e recusar todas as facilidades, todas as situações acomodáveis e preciosas, para não ceder e, com essa submissão, colocar por terra a conquista que nos exigiu tantos esforços, tanta luta, que a maioria de nossos irmãos não conseguiu sequer iniciar ainda, quanto mais mantê-la e sair vitoriosa!"

- E pelo visto, já nada mais alcançará...

- Sim, uma luta que, pela premência do tempo, conquanto o desejo ardentemente, talvez já não consiga vencer.

- Então, não haverá mais tempo?

- Não sei. Está claro que todo espírito possui a eternidade a seu dispor. Todavia, na presente conjuntura, não sei se será lícito falar aos desatentos habitantes da Terra em futuras oportunidades aqui, no planeta. Creio que a sorte está lançada.

- Tem razão, amigo. E isso me dá uma certa nostalgia.

- Nem tanto, Marcos. Preste atenção: com tal sentimento, você comete um erro. Porque atribui a este globo terrestre privilégio de ser o único planeta habitado em todo o universo. Ou, se não o único, pelo menos o mais importante.

E sabe que isso não é certo. Temos de nos sentir membros da grande família universal. Quando estivermos desencarnados...

- Cada qual com lindo par de asas resplandecentes?
- As minhas, provavelmente, não serão tão brancas assim...
- Ora, que modéstia, meu caro!

- Falemos seriamente, seu malandrinho. Quando pudermos ter a visão espiritual, compreenderemos que tempo e espaço nada representam para quem se encontra inserido na atmosfera do eterno "habitat" do fluido universal. Onde quer que estejamos, sentiremos o pulsar do Amor Divino. Em todas as épocas em que nos quisermos situar, encontraremos a mesma tônica do que é constante e imutável, da essencialidade de tudo e de todos. Desse modo, por que nos preocuparmos, então, com irmãos que, deixando de estar em contato conosco, neste planeta, passarão a habitar outro se, conforme as escrituras, esse outro mundo também será uma das muitas "moradas do Senhor"?

"E não é possível a todos os alunos de uma escola frequentarem o mesmo grau.

"Não será justo ao discípulo que mais se esforçou, cursar um ano superior ao daquele que mal abriu seus livros, ocupando seu tempo com brincadeiras?"

"As nostalgias, portanto, devem ser afastadas."

-Já me convenceu, mas continue, que o assunto me leva a sonhar.

- Como dizia, quando estivermos prestando serviços na espiritualidade e precisarmos socorrer este e aquele, atender a esta ou àquela tarefa, nossa visão, ao encararmos os corpos gravitando no espaço, será igualitária, tanto no que se refere à Terra quanto a outros mundos: enxergaremos pequeninos globos coloridos, palpitantes de energia, mas repousando placidamente no seio da harmonia cósmica.

- E verdade!

- E nenhum de nós se lembrará, sequer, de perguntar se os seres desse planeta, que conhecemos tão bem, são muito mais irmãos nossos do que os outros que habitam moradas diversas. Nosso coração pulsará de maneira semelhante por todos eles, mesmo por aqueles de outras galáxias, para onde nossas pequeninas asas - como alegremente sugere você - provavelmente jamais conseguirão transportar-nos. Percebe, portanto, como se torna sem sentido sua frase de há pouco?

- Percebo.

- Não há distâncias nem medidas quando se passa à outra dimensão.

E quando, por caminhos novos transitarmos, levados por nossas tarefas abençoadas, ao passarmos por quaisquer desses mundos do Criador, provavelmente receberemos de algum poeta no seu instante de iluminação um amoroso convite:

- Mercadores

de extremas luzes distantes
e ondulantes

das constelações
vizinhas e
de
outras galáxias
derramai
vossos
óleos divinos
e
ungi-me
Desviai-vos
de vossa
rota antiga
e
demarcada por tradições
milenares
e forçai
vossos acompanhantes
à necessária parada
Aqui vos darei
acolhida
como verdadeiros
arautos de
divindades exóticas
e
ouvir-vos-ei
de
boa vontade
as histórias encantadas
de caminhos
banhados de ouro
Fim

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*. 3^a ed. São Paulo, Livraria Ghignome Editora, **1979**.
- ARMOND, Edgard. "Estudo do perispírito", in *Iniciação espírita*. São Paulo, Ed. Aliança, **1979**.
- ARMOND, Edgard. *Passes e radiações*. 11^a ed. São Paulo, Lake. BOZZANO, Ernesto. *Metapsíquica humana*. Rio de Janeiro, FEB, **1928**. DELANNE, Gabriel. *A evolução anímica*. Rio de Janeiro, FEB, **1952**.

FRANCO, Divaldo/Espírito Joanna de Angelis. *Estudos espíritas*. Rio de Janeiro, FEB, **1956**.

FREIRE, Antonio J. *Da alma humana*. Rio de Janeiro, FEB, **1956**. GELEY, Dr. Gustave. *O ser subconsciente*. Rio de Janeiro, FEB, **1975**. GIBIER, Dr. Paul. *Análise das coisas*. Rio de Janeiro, FEB, **1981**. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. 3^a ed. São Paulo, Lake, **1979**. KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. São Paulo, Lake, **1978**. cap. IV. KARDEC, Allan. *A gênese*. São Paulo, Lake, **1979**.

MENDONÇA, Carlos. "Anatomia e fisiologia do corpo espiritual" in *Aurora*. Rio de Janeiro, Ass. Esp. Cairbar Schutel, ano III, n- **5**, pág. **38**.

PIRES, Herculano. *Ciência espírita e suas implicações terapêuticas*. São Paulo, Paideia Ed., **1979**.

RTZZINI, Carlos Toledo. *Evolução para o terceiro milênio*. São Paulo, Edicel, **1978**.

ROCHA, Dr. Alberto de Souza. "Funções do perispírito"- in *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão, Ed. O Clarim, **1982/1983**. Ano LYE, n-**5**a **11**.

VIEIRA, Dr. Waldo. *Projeções da consciência*. São Paulo, Lake, **1981**.

XAVIER, Francisco Cândido/Espírito André Luiz. *Libertação*. Rio de Janeiro, FEB, **1969**. cap.VI.